ANNO XXXIII
NUMERO 38
22 - 2 - 1934
Preço 1$200
CHOPP VERMELHO
CONTO DE
JARBAS DE CARVALHO
(NO TEXTO)
MONTEIRO FILHO
O Malho

P A R A   A   B E L L E Z A

Productos A. DORET

Formosura do rosto. — Não ha motivo para que o rosto perca a frescura da mocidade, quando a pelle do corpo se conserva por longo tempo, frequentemente até sempre.

O rosto, no entanto, carece de cuidados. Uma planta é viçosa tratada como deve, carinhosamente vigiada dia a dia. A cutis, tanto como as plantas que nos exigem perseverança de trato, deve soffrer exame e prescripção de quem a essa especie de medicina se dedica.

Assim é que, A. Doret, vivamente empenhado em contribuir para a boniteza da pelle das mulheres, preparou uma serie de loções, cremes, etc., cada qual com destino a cada qualidade de pelle.

Pelle normal — nem secca nem gordurosa — requer uso diario de EMULSINE e, duas vezes por semana, JOUVENCE FLUID.

Pelle secca — JOUVENCE n. 12 em contacto com a pelle durante 5 minutos, depois do que deve ser lavada, para, em seguida, soffrer ligeira massagem com o CREME AUTO MASSAGEM, por sua vez retirado com um pano humedecido em agua pura.

Pelle gordurosa — Depois de lavada a pelle do rosto é limpa ainda com JOUVENCE FLUID simples, sem numeração, e, antes do pó d'arroz do mesmo fabricante, um pouco de EMULSISINE n. 15.

As massagens no rosto, colo braços de pessoas menos moças serão feitas com o CREME DORET, pela manhã, retirado do rosto com agua pura. Antes de deitar, o uso constante de JOUVENCE FLUID n. 18.

Nutrir a pelle é para qualquer idade. Não sendo, porém, do agrado de todas o uso de cremes no — caso o CREME AUTO MASSAGEM — póde ser substituido pelo LEITE DEESSE.

As espinhas, mal de que padecem mocinhas e rapazes, devem ser tratadas do seguinte modo: lavagem com agua e optimo sabão; JOUVENCE FLUID, procurando embeber bastante a parte atacada pelo mal. Medicação com resultado em oito dias de uso. E' mistér recommendar que as espinhas nunca devem ser espremidas, nem os cravos retirados com a pressão das unhas.

Os Perfumes, Loções, Pó de Arroz e os Productos de Belleza A. Doret, encontram-se nas seguintes casas:

CIRIO, Rua do Ouvidor 183 — Casa Doret, Rua Alcindo Guanabara, 5-A — Casa Guido & Delia (Cabelleireiro), Rua Uruguayana, 16 — Casa Ormonde (Cabelleireiro), Rua S. José, 120-1° — Julio Mendes de Araujo, Rua Barão de Mesquita, e nas Drogarias: Francisco Giffoni Rua 1° de Março, 17 — Huber, 7 de Setembro, 61 - Rio — Fabrica e deposito: A. Doret, Rua Gurupy, 147 — Grajahú — Rio.

C A S A   S P A N D E R

Bolas para football, completas

Marca	n.°	Preço
Halex n.°	1	9$000
" "	2	12$000
" "	3	15$000
" "	4	20$000
" "	5	25$000
Spandic n.°	1	10$000
" "	2	14$000
" "	3	18$000
" "	4	25$000
Rotschild n.°	3	22$000
" "	4	28$000
Rotschild n.°	5	35$000
" Extra	5	45$000
Spaldic n.°	5	30$000
Spandic n.°	5	30$000
Spander n.°	5	35$000
" Extra	5	40$000
Improved "T"	5	110$000
Improved "T" cromo	5	120$000

Shooteiras, tornozeleiras, joelheiras, meias, bombas, apitos, etc. etc.

A. M. BASTOS & CIA.
Rua dos Ourives n. 29 — Rio de Janeiro

Quer ganhar sempre na Loteria?

A astrologia offerece-lhe hoje a RIQUEZA. Aproveite-a sem demora e conseguirá FORTUNA E FELICIDADE. Orientando-me pela data do nascimento de cada pessoa, descobrirei o modo seguro que com minha experiencia todos podem ganhar na loteria sem perder uma só vez.

Mande seu endereço e 600 réis em sellos, para enviar-lhe GRATIS "O SEGREDO DA FORTUNA".

Milhares de attestados provam as minhas palavras. — Prof. PARKCHANG TONG. — Meu endereço: Gral. MITRE N° 2241. — ROSARIO (Santa Fé). — Republica Argentina.

O MALHO
ANNO XXXIII Propriedade da S. A. O MALHO NUMERO 38
Director: Antonio A. de Souza e Silva
Numero avulso em todo o Brasil 1$200 Assignaturas: Annual-----60$000 Semestral-30$000
Redacção e administração TRAVESSA DO OUVIDOR, 34
Telephones: 3-4422 2-8073 - Caixa Postal, 880—RIO DE JANEIRO

O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

ENTRE outros assumptos da proxima edição, destacamos:

OS BONDES DE BURRO
Por Mario Sette

■ ■ ■

RAPHAEL TOBIAS E A MARQUEZA DE SANTOS
De Oswaldo Orico

■ ■ ■

A VIDA DOS OUTROS
Por Henry Bordeaux

■ ■ ■

A BELLEZA DAS TRADIÇÕES
Por Leoncio Correia

■ ■ ■

A MULHER E A GRAMMATICA
Por Carlos Madeira

■ ■ ■

COMO VIVEM AS «VENDEUSES» CARIOCAS - Reportagem de Carlos Rubens

▼

Ultimos aspectos do Carnaval Carioca—O Mundo em Revista De Cinema—Senhora—Supplemento feminino—Floricultura e Horticultura -- Carta Enigmatica e Charadas—De tudo um pouco—Broadcasting—etc., etc.

A PARTIDA

Um silvado breve de locomotiva,
Um chocalhar de ferros que se movem,
A visão branca de um lenço que se agita,
Uma serpente de fumaça que se evola,
Pouco a pouco... lentamente...
E depois...
Uma grande saudade e nada mais...

JOSÉ ALVES FERREIRA JUNIOR

DE FLORICULTURA E HORTICULTURA

Um lindo cacho de castanhas do Pará.

SALVEMOS AS NOSSAS CASTANHAS

O industrial brasileiro, Tacito Chaves, recemvindo da America do Norte, aonde fôra com o louvavel intuito de conseguir um logar de destaque para as castanhas do Pará, declarou á Imprensa que nos Estados Unidos ha uma concurrente séria á nossa castanha: é a **Pecam**, que é cultivada em grande escala na Georgia e no Texas, onde, em 1933, a producção attingiu a 42.000 toneladas. O distincto propagandista de nossos productos não se cansa de gritar que urge intensificar o cultivo das castanhas nordestinas, para que não percamos um optimo freguez.

O BANHO DAS PLANTAS

De vez em quando, mórmente na estação calmosa, convem lavar as plantas de pequeno talhe. Utilisem a agua da chuva de preferencia á do poço ou da fonte. Quando é calcarea, deixa depositos esbranquiçados. Póde-se substitui-la, á falta de agua pluvial, pela agua de sabão, á razão de 30 a 40 grs. de sabão, no minimo, por litro. Juntem-se de 3 a 10 grs. de nicotina, quando os pulgões, percevejos do matto, cochonilhas, kermes, etc. se multiplicarem.

Si usarem esta solução, lavem e esfreguem, com todo cuidado, as folhas com agua clara, afim de não ficar o menor vestigio de sabão ou nicotina. Mergulhem, varias vezes, o tampão e a esponja na agua pura ou na solução insecticida, verificando, porém, si os objectos contêm impurezas. Mudar a agua toda vez que comece a ficar suja.

As plantas cuja folhagem apresente innumeras dobras, taes as azaléas, as camelias, a Phœnix, a Dracœna, a Clivia, etc., devem ser lavadas com o auxilio de pincel.

CAIXA D'O MALHO

AVISO IMPORTANTE

Os originaes enviados a esta secção não serão devolvidos, de forma alguma, sejam ou não acceitos para publicidade.

MORAES JUNIOR (Campinas) — O ultimo terceto está bom. O primeiro já não tem o mesmo valor. E o primeiro quarteto é fraco. Se o soneto não prestasse, eu lh'o diria em poucas phrases. Mas vale a pena ser corrigido, porque o thema faz pensar, embora Aloysio de Azevedo já o tenha versado em quatorze versos de merito.

CARLOTA MICHAELIS (S. Paulo) — A emenda ficou devidamente forçada. Prefiro publicar, se o permitte, o primeiro original... por conta do Castilho. Que prefere: o original numero 1, um remendo do Cabuhy, ou tentar outro concerto? Quem sabe se, substituindo "leva-me bem longe por *leva-me comigo*, não lhe seria facil resumir a primeira idéa num ou dois, versos, com a fluencia e a vibração de outros?

W. TANAJURA DI ARAUJO (Rio) — Seus versos são de uma ingenuidade, que fazem sorrir:

"Quizera ter morrido, quando implume,
Só sabia gabar..."

E por ahi além, V. descreve o enterro do anginho que é V. mesmo, a chegada ao ceu, recebendo o presente de um par de asas refulgentes, tudo isso num estylozinho chlorotico, sem sangue, sem nervo, sem vida. O soneto tem o mesmo defeito e mais outros de metrica e até de rima: *é* não rima com a latim *est*. Infelizmente, não disponho de espaço para apontar, minuciosamente, as incorrecções como V. deseja.

LOBIVAR MATOS (Rio) — Eu comprehendo todas essas angustias, inquietudes e decepções, porque já vivi uma quadra semelhante. Naquelle tempo, de alguem me aconselhasse a ler o "Jean Christophe", de Romain Rolland, creio que me teria sido uma bella fonte de energias e de conforto espiritual. "Matto Grosso" fica esperando um espaço. O seu endereço continúa valendo...

ARNALDO EDMUNDO DE LEMOS (Rio) — Parece que V. se enganou na porta. Isto aqui não é caixa de correspondencia dos namorados.

CELIA ARAUJO ESTEVES (Rio) — Sinto muito, mas esta revista não publica exercicios escolares de composição.

JOSE' BASTOS (Rio) — "Maria Rosa" está demasiadamente impregnada de lyrismo passadista, com excesso de exclamações e de reticencias. O soneto, mais sobrio, póde ser publicado.

RIBEIRO JUNIOR (Trombudo Central, Santa Catharina) — A sua chronica sobre o Carnaval tem uma bôa qualidade: é curta. Tambem é um *record* de logares communs. Será que não ha nada de novo a dizer sobre o Carnaval senão essas mesmas phrases eternas e esses mesmos eternos conceitos?

MORAES ARRUDA (Itatiba) — Embora bem escripto, o seu conto não póde ser aproveitado, porque o thema tem sido muito explorado por outros *conteiros* e até por escriptores theatraes *em sketches* de revista.

RUYMALAIA (D. Federal) — Seus versos têm muita belleza e são verdadeiramente modernos. Isto é, não são como a maioria dos versos que apparecem por aqui, que só têm de moderno o esqueleto, conservando no espirito o que há de mais passadista — e — o que é peior — o que ha de mais ordinario no passadismo. E' a minha opinião sobre as amostras que V. me enviou.

VIOLETA (Recife) — Da sua ultima remessa, o melhor é o "Homem da vassoura". Vou ver o que é possivel aproveitar da collecção que remetteu.

RAUL GOMES (Bahia) — Ponho de parte o seu conto com muita pena. Mas V. o estendeu, demasiadamente. A lenda é bonita e só teria a ganhar, se os episodios fossem narrados em traços mais rapidos e fugindo á influencia de José de Alencar, cujo escola, hoje, não tem mais razão de ser seguida. Quem vê de perto os nossos pobres selvagens deprimidos e acuados entre o terror primitivo da natureza e o horror da Civilização, dominados por instinctos e sentimentos das primeiras edades do homem, não póde mais embalar-se em lyrismo, emprestando-lhes attitudes e phrases de heróes de cinema. Como disse acima, no seu conto vale a lenda, o thema central, que deveria ser aproveitado como uma breve e ligeira fantasia literaria.

OCTAVIO GUEDES (Bahia) — Mas que soneto "seu", Guedes! tenha paciencia, mas não posso privar os leitores desta secção de uma obra prima como esta. Vejam estes tercetos:

"Ao redor da açucena tudo expira-se,
tudo aquece de vez e logo se sente,
quando abrasado e longo respira-se!...

São faustosos fatos que sem arrulho se [enrolam,
de diffusão a flux... calor florente...
N'uma doida ansia que a delirar [embolam!..."

Delirando, da bola está quem escreveu essa coisa doida! Isso póde ser tudo — póde ser até "calor florente" — menos soneto.

LEVI CURCIO DA ROCHA (Cachoeiro do Itapemirim) — O seu conto tem graça, mas derrapa, de quando em quando, para a pantomima. Demais a forma é bastante defeituosa e a anecdota que lhe serve de thema, é muito conhecida.

ACHILLES VIVACQUA (Sanatorio Hugo Werneck) O assumpto não serve para "O Malho" que é uma revista catholica.

PRINCIPE DE GALES (S. Paulo) — Tem pequenos defeitos de forma, corrigiveis. A idéa não é original, mas está muito bem desenvolvida. Sahirá.

CHERMONT DE ALMEIDA (Natal) — Desabafou o peito? Satisfez a sua vaidadezinha? Quando se encontrar, novamente, em estado de raciocinar, lucidamente, releia a minha resposta e procure conhecer os bons poetas modernistas. Se V. não chegar a dar-me razão — o que me é indifferente — pelo menos procurará corrigir o defeito de recorrer a velhas expressões, surradas pelo uso e de cultivar o espirito do passadismo em poesias que pretendem ser modernas. Essas attitudes de gallo de briga não me surprehendem nem me irritam, porque, graças á experiencia da minha lida com almas de toda especie, já me acostumei a ver essas reacções de vaidade ferida como parte integrante do officio. E posso garantir-lhe que esse espectaculo é, justamente, o aspecto mais interessante que a minha actividade póde offerecer-me. Póde chamar-me de analphabeto. Não importa. O essencial é que V. procure e consiga escrever versos melhores.

Dr. Cabuhy Pitanga Neto

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DO 3.° PROBLEMA DAS PALAVRAS CRUZADAS

CAPITAL FEDERAL

Mario Almeida — Sant'Anna, 140.
Hestia — Thodoro da Silva, 438.
Lucy B. Soledade Lima — Fortaleza de São João.
Semador — Pereira Soares, 42.

ESTADO DO DIO

Eliza Ferreira — C. Postal São Gonçalo.

MINAS GERAES

Wanda Pieruccetti — Dr. Afranio, 14 — Araguary.
Sylvio Lopes — Municipal, 8 — São João d'El-Rey.
Hoover Corrêa — Graphite, 264 — Bello Horizonte.

SÃO PAULO

Marilia — Tabatinguera, 35 — Capital.
Helio Augusto — Caixa Postal, 3 — Garça.
Manoteix — Carlos Gomes, 239 — Santos.

RIO GRANDE DO SUL

Emma Bordini Carneiro — Av. 13 de Maio, 679 — Porto Alegre.
Bento Corrêa Netto — Moron, 793.

BAHIA

Maria Izabel — Marechal Bitencourt, 46 — Capital.
Angelina I. Mariano — Fonte Nova, 32 — Capital.

ALAGOAS

Montalvão — Boa Vista, 437 — Maceió.

PERNAMBUCO

Judith Galvão — Av. Carlos de Britto 105 — Pesqueira.
Maria Adalgisa Genn — C. P., 532 — Recife.
Antonio Souto — Floresta dos Leões.

RIO GRANDE DO NORTE

Mr. Brazin — Caixa Postal, 44 — Natal.

A solução exacta do 3° Problema das palavras cruzadas

CARTA ENIGMATICA

De um dos nossos maiores poetas são as duas quadras que aqui apresentamos nesta "Carta enigmatica" aos nossos prezados leitores, esperando que as soluções nos sejam enviadas a esta redacção — Travessa do Ouvidor, 34 — Rio — até o dia 24 de Março, data do encerramento deste concurso. Na edição d'O MALHO de 5 de Abril, apresentaremos o resultado do sorteio realizado nesta redacção, e no qual serão distribuidos 30 magnificos premios entre os concurrentes.

Mais abaixo inserimos o "coupon" n.° 31 que deverá acompanhar a solução deste certamen.

CARTA ENIGMATICA
COUPON N. 31
Nome ou pseudonymo .. ..
.. ..
.. ..
Residencia .. ..
.. ..

CORRESPONDENCIA

Joaquim Coelho — Os desenhos de sua carta enigmatica não estão máos. Em compensação os versos estão pessimos. Não é possivel publicar.

João Bôbo — Seu trabalho será aproveitado.

Victor Lapenta — Os problemas enviados não se coadunam com o feitio dos que O MALHO tem publicado. Componha seus enigmas com palavras menos arrevezadas e nós os publicaremos.

Mantiqueira — As muitas falhas de seu trabalho impedem-nos de aproveital-o.

Henrique Kingston Viard — Para publicar seu trabalho as corrigendas necessarias seriam muitas. E' preferivel nos mandar um outro.

Magno Barretto de Araujo — O trabalho enviado não merece ser aproveitado. Componha outro com mais symetria, e vamos ver.

Programma

Os jornaes estamparam, ha dias, a noticia da fuga de Ernesto Nazareth da colonia de alienados de Jacarèpaguá e logo depois sua morte tragica.

E para quem sabe o que significa o nome desse compositor patricio deante do passado da nossa musica, bem triste ha de ter sido a resonancia dessas noticias.

Ellas equivalem a advertencias amargas sobre o destino dos nossos artistas.

O publico brasileiro tem uma caracteristica singular, em assumptos de musica e literatura: ama a creação, mas ignora e se desinteressa por completo do creador.

Nenhum outro povo tem esquecido e relegado ao indifferentismo os seus artistas, tanto como o desta patria de poetas e talentos espontaneos, o que encerra, sem duvida, uma ironia e um paradoxo.

Ernesto Nazareth foi, incontestavelmente, o mais original e o mais brasileiro dos nossos compositores.

As suas producções, de melodias vivas, suggestivas, de execução difficil e interpretação subtil, ainda hoje desafiam os imitadores e os pianistas que apreciam as valsas de Zéquinha de Abreu, etc.

Nazareth plasmou o rythmo nacional, reproduzindo as voltas, os saracoteios e as dolencias da alma nativa.

Pois é esse homem que, premido por uma sorte adersa, vae terminar os seus dias num hospicio, na mais completa pobreza.

Quantas vezes vimos o auctor de "Apanhei-te, cavaquinho!" chegar ao "guichet" da "Casa Edison" e não ter nem um vintem para receber!

E o trabalho do empregado para fazel-o comprehender — surdo como elle já estava — que as peças sobre as quaes os seus direitos de auctor ainda prevaleciam, eram justamente as que não se vendiam!

Pobre Nazareth!

Em quantos milhões de dollars se poderia avaliar o seu prejuizo de haver nascido no Brasil?

O. S.

A BOA MUSICA

A "Sociedade de Concertos Leon Kaniefsky", de S. Paulo, animadora da musica elevada, pede aos compositores patricios que lhe mandem originaes para a elaboração dos seus programmas.

O envio dos originaes, manuscriptos ou impressos, deve ser subordinado aos seguintes quesitos:

1 — As peças podem ser: Symphonias, Ouvertures, Poemas, Suites, Intermezzos, Peças avulsas, Peças caracteristicas, etc., bem como concertos ou peças para violino, piano, violoncello e canto com acompanhamento de orchestra de cordas. Coros com acompanhamento da orchestra de cordas.

2 — Os manuscriptos devem ser perfeitamente legiveis e constar do seguinte material: Partitura, 6 partes de 1.° violino, 6 partes de 2.° violino, 4 partes de viola, 4 partes de violoncello e 2 de contra-baixo.

3 — Nas peças para solistas com acompanhamento de orchestra de cordas, deve ser enviada uma parte addicional de acompanhamento em arranjo para piano.

4 — Todo o material orchestral enviado ficará sendo propriedade da Sociedade, sem prejuizo dos direitos autoraes.

5 — Todas as composições enviadas serão após julgamento feito pela Sociedade, annexadas ao repertorio effectivo da orchestra de cordas e incluidas nos programmas dos concertos, em datas que serão communicadas aos seus compositores.

Outros esclarecimentos os interessados obterão dirigindo-se ao Sr. Leon Kaniefsky, á Avenida Angelica 241, na capital paulista.

A RAINHA DO BROADCASTING NACIONAL

— Carmen Miranda, a popular cantora que tanto se festeja, foi eleita "rainha do broadcasting nacional" no concurso promovido pelo vespertino *A Hora*.

A sua coroação está marcada para breve, com a solemnidade do estylo. Em segundo logar, chegou a cantora de elite que é Madelou de Assis.

O QUE VAE PELOS STUDIOS

— Sonia Barretto, passado o Carnaval, voltou ao seu posto no "broadcasting" da cidade. O seu repertorio foi renovado durante o periodo vertiginoso da folia. Passou a hora dos sambas...

— —

— A valsa "Chuva de Estrellas", de Julio de Oliveira na parte musical e de Oswaldo Santiago na parte literaria, vae ser editada pela casa "A Melodia". Os auctores já assignaram contracto com o editor Mangione.

— —

A Hora elegeu, tambem, no pleito que organizou, o "principe" do nosso "broadcasting", cabendo a victoria a João Petra de Barros, o mais perigoso dos rivaes de Francisco Alves.

— —

Tem sido commentado com extranheza o facto de não ter havido publicidade em torno do concurso para escolha de artistas amadores, promovido pelo "Untisal" e levado a effeito atravez do microphone da "Radio Guanabara".

— —

Consta que o sr. Elba Dias, um dos directores do "Radio Club", pretende processar o jornalista Zolachio Diniz, que tem escripto artigos de sensação sobre a sua actuação á frente daquella estação diffusora.

Esse processo, caso effectivado, é o primeiro, no genero, entre nós. O radio, como se vê, começa a civilisar-se...

— Moacyr Bueno Rocha vae deixar o "Programma Casé"

— E para onde vae? Para a "Radio Cruzeiro do Sul"?

— Nada disto. Vae para a "Mayrink Veiga". Não tens ouvido elle cantar as letras de Cesar Ladeira?

— —

A "Radio Mayrink Veiga", de uns tempos para cá, accentuando o seu espirito imperialista, resolveu só transmittir discos cantados pelos seus artistas exclusivos. Ao fim de cada transmissão, os "speakers" dessa estação fazem sentir aos ouvintes a exclusividade do cantor. O melhor, porém, é que ha dias, depois de irradiar um disco de Maurice Chevalier, o costume fez com que um delles accrescentasse: — Artista exclusivo da "Mayrink Veiga"...

NOTAS FÓRA DA CLAVE

A quebra do contracto de Francisco Alves a "Mayrinck Veiga" tem servido de thema á conversas de todas as rodas radiophonicas. Uns palpitam que o cantor de "Meu companheiro" voltará ao "Programma Casé", que constitue o espantalho das organisações argentarias... Outros acham que elle ficará avulso, combatendo a praga do "exclusivismo", tão em moda no momento. Que rumo tomará Francisco Alves? E' bem possivel, a esta hora que os seus "fans" já tenham visto esses palpites confirmados ou que tenham experimentado uma surpresa. Quem ficar com Francisco Alves só tem a ganhar.

A "Mayrinck Veiga" é que soffreu um abalo enorme com a sua perda.

A VOZ DA BOA-TERRA

A Bahia é bôa terra. E' a terra inspiradora dos sambistas. Sem a Bahia, que é uma especie de Favella longinqua, os compositores cariocas não sahiriam dos seus morros. Mas o leitor já sabe disso. O que o leitor póde não saber é que na Bahia ha uma estação de radio e um "speacker". Póde não haver cantores. O "speacker", porém, existe. E ahi está elle numa caricatura de Brochado. O seu nome é Nelson Costa. Sim, senhores! Si duvidam, experimentem entrar em contacto com as ondas da "Radio Sociedade da Bahia"...

MALVINA KAHANE — AO PUBLICO

Chegou ao meu conhecimento que um joven percorre as principaes cidades do paiz e nellas se intitula meu ex-professor, expediente este que lhe tem valido larga clientela, especialmente em Recife, João Pessôa, Manaus, Natal e Caxambú.

Ao publico devo informar que comecei a minha aprendizagem em VIENNA, no ano de 1903, na casa de Modas STEEN, pois, que, nessa época, não existia ainda um instituto tecnico para o ensino de córte. Em 1908 foi fundada a Associação de Costureirós, que patrocinou a fundação da primeira escola especializada; mais tarde reconhecida e fiscalizada pelo Ministerio de Educação da Austria. Essa fundação trouxe um grande incremento ao estudo de córte em Vienna.

FOI NESTE MEIO EDUCATIVO que me familiarizei com os ensinamentos de Michel, Barde, Muller, Hulinsky e outros inovadores da tecnica do corte de vestuario.

Graças ao convivio com um meio favorecido intensamente pelas lições de mestres na arte de cortar, me foi possivel — valendo-me de observações proprias — crear o meu metodo ou "SISTEMA RETANGULAR".

Com esta publicação quero mostrar ao publico que não poderia ter tido professores "jovens", como esse que anda surgindo por aí afóra, e se vale da minha reputação profissional e da minha propaganda.

Doravante não haverá mais razão para que alguem se considere desprevenido.

MALVINA KAHANE
Academia de Corte e Costura
Largo da Carioca, 5 - 4.º
Rio de Janeiro

Depois do leite materno a "FECULOSE"

Quando se torna necessaria a alimentação artificial, para auxiliar a amamentação ou para substituil-a, impõe-se o emprego de um hydrato de carbono em forma de farinha.

Notaveis especialistas como Langstein, Meyer e Combe, proclamam o valor nutritivo das farinhas destrinisadas e maltadas, facilmente assimilaveis pelo organismo infantil.

A Farinha "FECULOSE"

Satisfaz todas essas condições. Riquissima em vitaminas e substancias amylaceas, ella é um grande activador do metabolismo na primeira infancia.

A "FECULOSE" NÃO CONTÉM SUBSTANCIAS INCOMPATIVEIS COM O NOSSO CLIMA.

Unicos depositarios: SOC. AN. LAMEIRO, Rio

A HOMŒOPATHIA AO ALCANCE DE TODOS

Pelo Dr. ORIARD

A MELHOR OBRA DE MEDICINA HOMŒOPATHICA PARA FAMILIAS. ACABA DE SAHIR A 6.ª EDIÇÃO MUITO AUGMENTADA, CONTENDO A PATHOGENESIA DE 630 MEDICAMENTOS. UM EXEMPLAR ENCADERNADO 9$000 E PELO CORREIO MAIS 1$000 — PUBLICAÇÃO DO

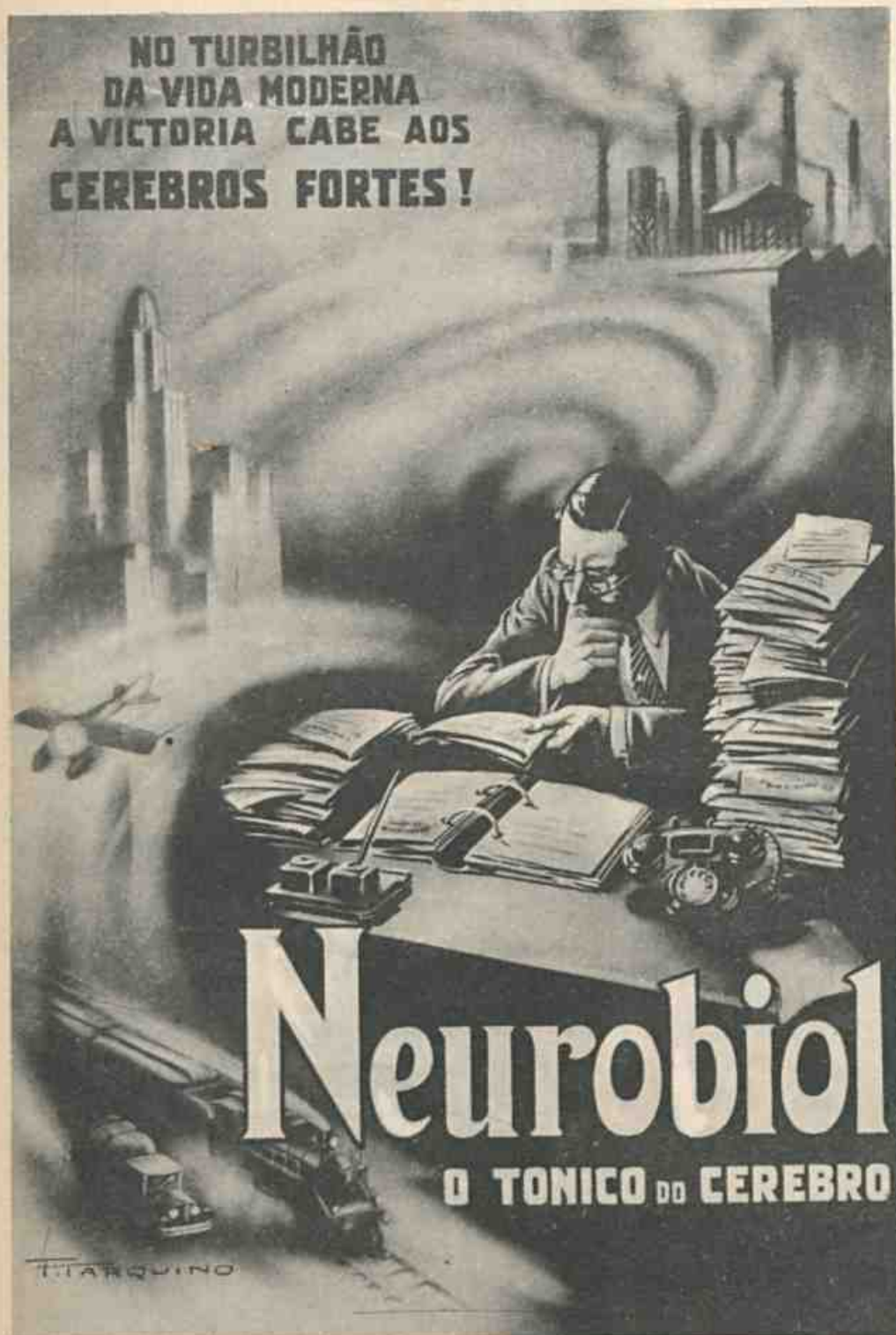
GRANDE LABORATORIO HOMŒOPATHICO
FUNDADO EM 1870 DE
ARAUJO PENNA & CIA.
RUA DA QUITANDA, 57 RIO DE JANEIRO

PROLONGUE A VIDA USANDO

CEREUS BRASILIENSES

MEDICAMENTO MAIS EFFICAZ DA HOMŒOPATHIA PARA COMBATER MOLESTIAS DO CORAÇÃO

ARAUJO PENNA & CIA. — Rua da Quitanda, 57 - RIO

VENDE-SE EM TODAS AS PHARMACIAS DO BRASIL

HUMORISMO ALHEIO

— Você póde não acreditar, mas costumo fazer 100 kilometros á hora.
— Com essa gordura? Só se fôr em aeroplano.
— Em sonho, amigo, em sonho...

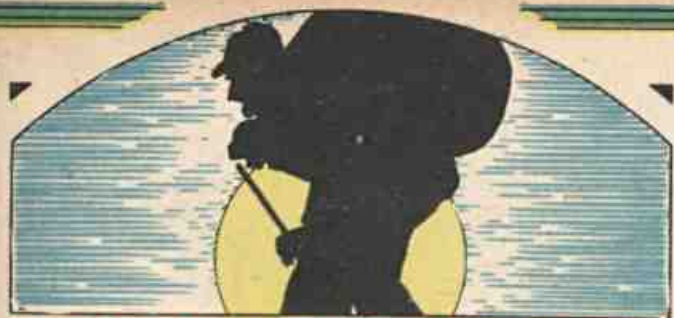
— Você o conhece?
— Muito. E' professor de gymnastica para aperfeiçoar a esthetica do corpo...

Aspecto da posse da nova directoria do Syndicato dos Chimicos do Rio de Janeiro

O Malho

A CÔR DAS HORAS

Dizem as criaturas de sensibilidade que as horas têm uma fisionomia, uma côr, um perfume proprios. E tambem afirmam que são todas diferentes umas das outras, guardando cada qual a sua expressão e o seu modo de ser. § E' possivel. Com as horas, que originariamente eram apenas tres — Enomia, Dice e Irene, filhas de Jupiter e de Temis — e passaram a ser dez, depois doze e finalmente vinte e quatro, tudo póde acontecer. § Concordo, em consequencia, que a hora da meditação é azul. E' que os pensamentos não têm medida, como o infinito, que conhecemos sob a mesma côr. § Verde deve ser o tom da hora da esperança. Igualmente verde é o mar por onde correm afoitas as naves da aventura. § Um desejo, uma aspiração, um querer forte, uma tormenta ou um tormento — e a hora muda de matiz: passa a ser negra como a da propria morte. § A hora da cólera é amarela, desesperadamente amarela, como se toda a bilis dos organismos pairasse em fluidos amargos no ambiente espiritual. E' sob essa tonalidade que explóde a ação dos criminosos, dos traídos, dos escravos, dos reivindicadores. § E' rubra a hora do amor. E' a mesma côr ardente das labaredas dos incendios que um dia devorarão o mundo, da mesma sorte que as paixões vão infatigavelmente destruindo as almas. § Só a saudade é violeta; sómente a hora que a revela se impregna da enervante nuança dos outonais crepusculos que exprimem a magua imensa pelo desaparecimento do sol. § E o esquecimento? § Ah! Este não tem côr. E' branco — fusão de todas as côres. Resumo de todas as belezas da paleta espectral, traz em si a força de um milagre: restitue aos seres humanos um estado de virgindade para novas emoções, para novos triunfos, para novas derrotas. § O esquecimento é tudo, tudo, porque está nele o simbolo do replantio da coragem de viver, com a paralela sementeira de ambições, de conquistas, de sonhos de fortuna e gloria, emfim de todas as assombrações que divertem a fantasia dos mortais.

OSCAR LOPES

ROMANTISMO

Meu velho trapeiro, — como eu te lastimo
quando te encontro na manhã doirada,
remexendo o lixo como um cão vadío.
Andas recurvado ao peso da desgraça,
andas tropeçando ao peso do destino.

Como que eu te vejo, meu velho trapeiro,
quando tu nasceste, em terras de alem mar.
Vejo que eras rico. Vejo-te no alto!
E que depois caíste... — Como dòi lembrar!

Meu velho trapeiro, — vejo-te depois
nas horas amargas da tipografía,
quando te curvavas sobre o linotipo
ganhando para os teus o pão de cada dia.
Como te doeu o peito escravisado!
Que dura surpreza, — catador de trapos,
quando tu tingiste, numa hemoptise,
a brancura imaculada do teclado!

A morte te rondava, no hospital dos póbres.
Um dia viéste, num convês, sozinho,
á procura dum sol que te faltava,
que derretesse a néve dos teus ossos
e que matasse a dôr que te matava.

— Mas sorris?! — Não vês que te lamento?
A historia que inventei não era a tua,
— tu foste sempre catador de trapos...
Como és feliz! Não sabes calcular
a tragédia que se tem e se não vence,
— de padecer do alheio sofrimento
que ninguem sentiu e que a ninguem pertence.
Nunca sentiste, como os poetas sentem,
toda a tragédia humana sobre os ombros!...

OLIVEIRA RIBEIRO NETO

COR DE ROSA...

Oh, as horas douradas
As tulipas, os passaros, o mar...
As tardes cor de rosa... As noites desbotadas...
As noites brancas de luar...
Começa a Primavera...
E tu dizes "A Primavera?
E' a apoteóse das estrelas...
As estrelas, no céu longinquo de veludo...
Vamos, amor! Levanta os olhos para ve-las!"

E eu sussurrei, ao teu ouvido: "A Primavera?
A Primavera é toda esta poesia...
E' a melancolica alegria
Das coisas
Que andam no céu, na terra, em tudo!..."
Tu falaste outra vez: "A Primavera é o meu jardim...
E' a vertigem das rosas
Nas alamedas silenciosas..."
E eu retornei: "A Primavera?
E's tu que és toda arôma junto a mim...
A Primavera se resume
No teu perfume,
No teu corpo de lis,
Na tua graça..."
E a tua voz: "A Primavera
E' o amor feliz que passa...
Amor feliz... Fumaça!"
E eu disse então: "A Primavera
E' o teu corpo de flôr...
E' o teu beijo flamante...
Não é sómente o amor...
E' o nosso amor
Alucinante!"

BASTOS PORTELA

O NOVO MINISTRO DA GUERRA DO JAPÃO — General Sensuro Hayashi, successor de Sadao Araki na pasta da Guerra do Celeste Imperio. O general Araki, que renunciou o posto por motivos de molestia, foi o dictador da Politica que fundou o Estado mandchukuo. E' tambem adverso ao regimen marxista, porém sua opposição á dictadura proletaria é mais branda que a de seu successor, cuja bellicosidade tem causado apprehensões na Europa.

O NOVO GOVERNO DE CUBA — O Presidente Carlos Mendietta, cercado dos membros do seu gabinete ministerial. O penultimo, de pé, é o Dr. Sterling, Embaixador de Cuba nos Estados Unidos.

ASSIGNATURA DE UM TRATADO — No Quay d'Orsay, o Ministerio do Exterior de França, teve logar, em janeiro, a assignatura de um Tratado commercial entre a França e a Russia. Da esquerda para a direita: os Srs. Ostrovsky, enviado commercial dos Soviets; Dougalewski, Embaixador da U. R. S. S. em França; Raymond Patenotre, sub-secretario das Finanças de França, e Paul Boncour, Ministro das Relações Exteriores de França.

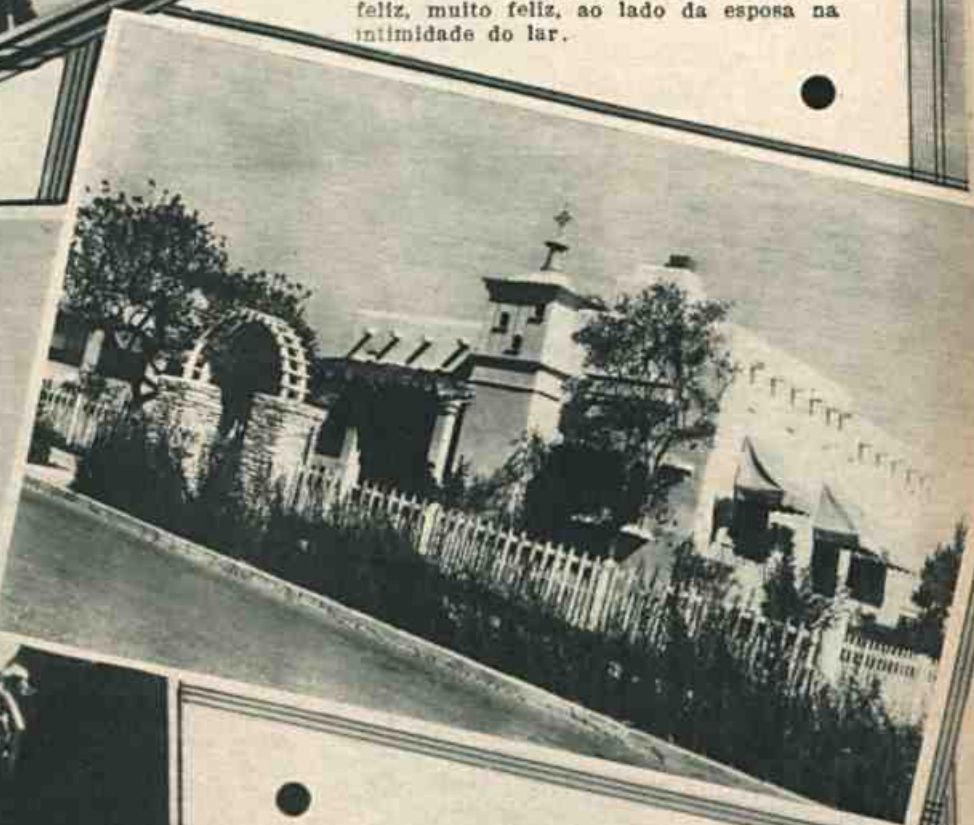
O mundo em Revista

DE MÃOS DADAS — A 22 de janeiro, ao novo Embaixador da Republica dos Soviets nos Estados Unidos, Alexandre Troyanovsky, foi offerecido, na Embaixada do Japão em Washington, um jantar de gala, a que esteve presente todo o Corpo Diplomatico. Vemos aqui o Sr. Troyanovsky (á esquerda) apertando a mão do Encarregado de Negocios do Japão, Toshihiko Taketomi.

O 1º MINISTRO DA RUMANIA — Um novo retrato de Jorge Tatarescu, o joven "leader" liberal que detem agora a pasta das Relações Exteriores daquelle paiz balkanico. Não é sympathico aos movimentos nacionalistas, que vêm agitando o seu paiz sob os auspicios dos "Guardas de Ferro" e dos "Nazis", estes, aliás, organizados por seu irmão Stevan, patriota exaltado e popularissimo.

De Cinema

MARIO NUNES

WARNER Baxter é uma das figuras mais simpaticas da tela e que os filmes da Fox para a temporada d e ste ano vão tornar mais querida ainda. Vemo-lo aqui em uma curiosa foto contra a luz e bem assim a casa, ainda em projéto que se fez construir em Bel-Air (Beverly Hills) proximo de Hollywood e que é uma grande casa de campo com o seu campo de tenis ao lado. Porque Warner Baxter é feliz, muito feliz, ao lado da esposa na intimidade do lar.

LILIAN Harvey com as suas maneiras malucas de ventoinha, enfeitiçou os americanos. E sucesso nos Estados Unidos significa dinheiro... Não admira pois que já tenha como residencia essa linda casa alegre e clara como o sol da California... E para que se não diga que é uma agitada aí está sua ultima pose, romantica como a de 1830..

Um recorte da paizagem de Copacabana, com a renda branca da sua praia, os seus arranha-céos massiços e os seus risonhos « bungalows ».

Cobril das especies não venenosas do Instituto Butantan.

UM FLAGELLO DO BRASIL

Concluimos, hoje, a série de artigos que o Dr. Afranio do Amaral, director do Instituto Butantan, escreveu para esta revista, diffundindo ensinamentos praticos valiosissimos sobre o combate ao ophidismo no Brasil. O trabalho de hoje versa sobre a conservação do soro anti-venenoso e sobre algumas abusões populares em torno de remedios que, apenas, retardam a cura e aggravam o estado das pessoas picadas por serpentes.

EMBORA os anti-venenos entregues ao consumo pelo Instituto Butantan sejam geralmente concentrados, é frequente formar-se um pequeno precipitado que se deposita sobre a parede ou fundo das empolas. Esse precipitado não indica alteração do producto e representa a parte que não possue effeito therapeutico, de sorte que é preferivel não agitar as empolas antes de ser extravasado o seu conteúdo.

Conservados em empolas intactas, ao abrigo da luz e em logar fresco, os soros mantêm suas propriedades curativas por muitos annos, tendo-se verificado no Instituto que, mesmo depois de 25 annos, ainda podem ser empregados. Por esse motivo é que não se acceitam em devolução os anti-venenos entregues ao consumo publico.

TRATAMENTOS EMPIRICOS. — E' sabido, porém, que, especialmente entre a classe baixa, muita gente ainda acredita que mordedura de cobra passa com remedios caseiros, cuja base é em via de regra o alcool ou kerozene. Assim, tanto no Brasil, como nos demais paizes americanos, é frequente se verem pessoas, picadas por serpentes, procurar beberagens com base de alcool, sendo que nos Estados Unidos, em virtude da lei secca, muitos pretos se faziam propositalmente picar por cobras não venenosas só para terem direito a uma dóse de whiskey de que sentiam tanta falta... No emtanto, experiencias realizadas com todo o vigor scientifico têm demonstrado que o alcool, longe de curar ou siquer facilitar a cura, pelo contrario a difficulta, porque a principio favorece a absorpção do veneno e, mais tarde, em resultado da baixa da pressão sanguinea, retarda a reacção do organismo e a eliminação do toxico.

No que diz com o kerozene, os effeitos observados ainda são mais prejudiciaes. Além de não ter qualquer acção benefica sobre o envenenamento, o kerozene, ingerido nas dóses que o povo emprega, complica os symptomas,porque por si só produz uma intoxicação aguda, com destruição do sangue e degeneração do figado.

Ha 5 annos tive ensejo de soccorrer a um trabalhador, recemchegado de Portugal, que, ao ser picado por uma cascavel nos arredores da cidade de São Paulo, foi obrigado a ingerir cerca de meia garrafa de kerozene que lhe administraram os companheiros de trabalho. Apesar da applicação intensiva do anti-veneno especifico (soro anti-crotalico), esse paciente não poude reagir, vindo a fallecer no dia seguinte com todos os symptomas de envenenamento pelo kerozene. Ainda ha pouco tempo, tive sob observação uma franzina menina de 7 annos, residente á margem da estrada de São Paulo a Itú e que, depois de um copioso almoço, foi, em certo domingo, picada por uma cascavel que mataram e trouxeram ao Instituto para identificação. Ao examinar o ophidio, dei pela falta do crepitaculum (chocalho) e, ao ser notificado da morte da doente, apesar do tratamento especifico, tratei de averiguar o que os parentes da victima haviam feito com esse appendice. Fui então informado de que o mesmo havia sido triturado e posto em um copo de kerozene que foi dado a beber á desventurada creança.

Logo depois deste caso, observei um outro de um menino de 12 annos de idade, residente em um velho sitio além do Ypiranga, no municipio de São Paulo, o qual fôra mordido por uma cascavel, no momento em que estava trabalhando na roça. Soccorrido pelo pae que conseguiu matar a serpente causadora do accidente, recebeu essa creança como medicação de urgencia uma "boa dóse" de cachaça com alho grande, na crença de ter ingerido um antidoto efficaz. Não havendo naturalmente o remedio produzido o effeito desejado, foi a victima, já em estado grave trazida ao Instituto Butantan pelo proprio pae que, ao ser inquirido sobre o accidente e a medicação usada, declarou que administrara um calice de pinga com alho, só não tendo augmentado a dóse para um copo, por se ter o offendido recusado a ingerir mais, devido aos vomitos que provocara o "remedio". Para fazer face ao envenenamento dessa creança foram necessarias 9 empolas de soro anti-crotalico injectadas por via subcutanea, intravenosa e intraperitoneal, de mistura com cerca de meio litro de agua physiologica com adrenalina, seguido de estrychnina e cafeina.

O QUE NÃO SE DEVE FAZER EM CASOS DE PICADAS POR ANIMAES VENENOSOS

1. Agitar o corpo, trabalhando, correndo ou mesmo gritando, pois, do contrario, se estimularia a circulação e se facilitaria a absorpção do veneno.

2. Tomar bebida alcoolica, pelo mesmo motivo.

3. Beber kerozene, que é altamente toxico para o figado e o sangue. Em grandes dóses, o kerozene é talvez mais nocivo do que os proprios venenos.

4. Ingerir infuso de alho e plantas medicinaes, ou outros remedios caseiros, que não têm acção alguma sobre os venenos.

5. Applicar ammoniaco sobre a região offendida, pois este, além de não produzir effeito sobre o veneno inoculado, póde determinar queimaduras mais ou menos intensas, cuja cura é, em via de regra, mais demorada do que a do proprio envenenamento.

6. Injectar soluto de permanganato de potassio ou outra qualquer substancia chimica, cuja acção neutralizante in vivo sobre o veneno é nulla.

Uma jararaca de especie commum no Brasil.

SACCO DE GATOS

por BERILO NEVES — ILLUSTRAÇÃO DE THÉO

Não ha desgraça que não tenha, na sua origem, uma mulher. Exemplo: a Vida...

—o—

Dizem que Eva foi feita de uma costella de Adão. Póde ser, mas essa costella devia estar muito estragada!...

—o—

As mulheres só dizem a verdade quando a verdade serve para reforçar uma mentira...

—o—

A esperança é uma fonte onde toda a gente vae buscar agua mas a cuja margem muitos morrem de sêde...

—o—

A arte de dissimular é tão propria das damas que ellas são capazes de negar até mesmo os flagrantes... photographicos.

—o—

Quando uma mulher pensa, algum novo peccado está para ser commettido no mundo...

—o—

Amar com intelligencia é amar-se a si mesmo... atravez dos outros.

—o—

Não ha mulheres que não saibam trahir. Ha mulheres que, por execpção, não querem ou não precisam trahir...

—o—

Se as palavras fossem recolhidas, como as cedulas, quando já não tivessem valor, a palavra **fidelidade** de ha muito teria desapparecido dos diccionarios...

—o—

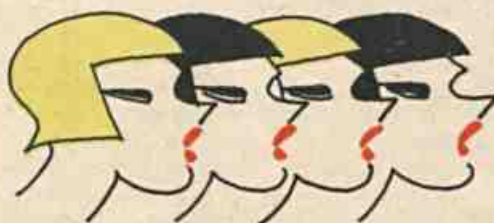
Os homens conhecem-se pelo que dizem; as mulheres, pelo que não dizem...

Quando se sabe alguma cousa e se finge que não – leva-se meio caminho andado para saber o resto...

—o—

As mulheres parecem-se muito umas com as outras para que alguma dellas valha o sacrificio de se pensar que não se parecem...

—o—

A verdade é uma cousa que não se deve dizer ás senhoras nervosas. E a verdade é que todas as senhoras são mais ou menos nervosas...

A intelligência não envelhece, mas os homens intelligentes sim...

—o—

No amôr, o prologo não dá nenhuma idéa do que venha a ser o entrecho da opera...

—o—

Quando se conta com a cumplicidade de uma dama, nunca se deve ter receio de mentir. Toda mulher tem a imaginação de Julio Verne quando chega a hora de ter imaginação...

—o—

Só ha um recurso para não se ser desgraçado pelas mulheres: é ser seu cumplice nas traições...

—o—

Muitas vezes o que parece amôr é, simplesmente, medo de perder o emprego...

—o—

As lagrimas teriam um effeito mais salutar se fossem feitas de agua e sabão...

Chorar é lavar o rosto á custa de um sentimento...

—o—

O ciume só serve para estimular as mulheres a justifical-o...

—o—

Segundo a philosophia de grande numero de damas, só é peccado o peccado que se torna publico...

—o—

"Amôr com amôr se paga" — diz o proloquio. Isso foi antes da invenção do dinheiro...

—o—

As creaturas sentimentaes costumam fazer pagar muito caro a ingenuidade de se suppôr que ellas sejam differentes das outras...

—o—

Para o amôr e para a guerra, deve-se ir, sempre, com a idéa fixa do sacrificio...

—o—

Um homem de bôa fé é um perigo publico. Uma mulher de bôa fé... é o sonho de um homem de bôa fé.

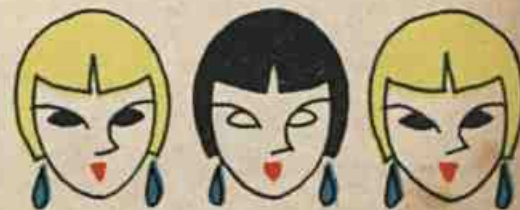
—o—

Se não existisse o Diabo, como explicar as mulheres?!...

—o—

As mulheres e as gallinhas, quanto mais alto vôam, mas depressa cahem na panella do vizinho...

—o—

A prova de que os homens levam a serio a convenção da honra é que se matam por causa della...

CHOPP VERMELHO

Por Jarbas de Carvalho

— Queres me quebrar a cabeça, patife!

— Perdão, vossenhoria! Estava a arriar a porta. Já lá deu uma hora.

— Deixe-me entrar, idiota, — depois fechas a pocilga. Temos uma sêde de cães!

Emquanto argumentava desse modo convincente, um rapaz alourado, de olhos gateados muito vivos, ia mettendo o hombro na cortina de aço ondulado que o botequineiro quasi lhe arriára sobre a cabeça. E na passagem livre da unica porta do modesto estabelecimento destacaram, atraz do rapaz duas figuras de violento contraste — uma mulher moça, clara, rosada pela acção da noite calida e um homem alto, troncudo, especie de athleta indigena, de ar tranquillo numa dessas physionomias que, sem inspirar antipathia, estão a dizer que nunca sorriram.

Passaram ambos da sombra da rua, já deserta, para a luz intensa do pequeno recinto, onde se alinhavam, apenas de um lado, seis mesinhas de marmore encardido sobre tripé de ferro esborcinado.

O rapaz vivamente se dirigiu para a ultima mesa, junto do balcão coberto de estanho repolido pelo uso, atirou-se a uma cadeira, jogou o chapéo para um lado, estirou as pernas. E, antes mesmo que os companheiros abancassem e que o homem da tasca descesse a porta definitivamente, gritou:

— Tres chopps! Duplos, hein!

A porta de aço cahira fragorosamente na soleira de pedra, e o homem obeso, curto de pernas, de craneo escanhoado como um côco limpo, apressadamente se dirigiu para o balcão arregaçando as mangas da camisa. Fez funccionar a bomba de pressão, com mostras de bem servir, e aparou com ar entendido a cerveja fresca em tres grandes copos de vidro ordinario.

Dois minutos depois estavam os chopps sobre rodelas de papelão hydrophilo deante dos freguezes retardatarios. Aquelle que varejara a casa logo emborcou o copo e bateu com elle vazio sobre a mesa, resfolegando ruidosamente, como o escapamento de uma locomotiva.

Voltou-se para o homem da casa:

— Repete esta droga!

O botequineiro acudiu solicito, apanhou o copo, repetiu a operação, serviu e voltou a encostar-se ao balcão com a resignação classica do mestre no officio.

Só então observou os outros dois visitantes.

O mastodonte côr de tisne, que bebia a pequenos goles espaçados, sem pressa aparente, mantinha essa attitude arqueada muito commum aos lutadores em descanço: a grande cabeça angulosa projectando-se para a frente, os olhos meio cerrados, como que no absoluto alheiamento do que se lhe passava em torno. A mulher era nova e alegre, dessa alegria que não está sómente no riso e nos olhos sorridentes, mas que vinha da harmonia irradiante de todo seu sêr. Tinha os cabellos descobertos, negros, crespos, apanhados graciosamente sobre a nuca por uma travessa de fantasia, refulgente de uma constellação de gemmas falsas, e trazia esplendidamente um vestido branco e delicado como seu pescoço.

Na mesa, os copos iam e vinham em tres movimentos differentes, como os ponteiros de um estranho relogio: — o do rapaz estourado era o accelerado dos segundos, tal a presteza com que bebia; o da mulher o dos minutos, que marcham com regularidade e sem precipitação; o do escuro athleta o das horas, pois só levava o copo de espaço a espaço. Raramente levantava os olhos para os companheiros, indifferente. E ficava longo tempo a olhar o ambar dilluido como se ao fundo de seu copo só elle estivesse a ver a reproducção de um mundo microscopico, assistindo a scenas que interessavam profundamente sem comtudo o perturbar, pois sua immobilidade physionomica era perfeita.

Emquanto assim, os outros dois palestravam com vivacidade — vivacidade mais do rapaz que da mulher, acompanhando com interesse amavel as narrativas daquelle domingo de folga e de canseiras agradaveis — com almoço no Sacco de S. Francisco, depois do banho de mar — excursão á vela, em que com muitas risadas, lembravam que iam naufragando — o appetite ao juntar, onde só havia um frango, uma salada pobre e queijo para os tres — e regresso numa barca cheia de gente e de calor — um automovel para o Leme, que parecia particular e custara 15$ á hora. Um dia encantador!...

Eram 3 horas quando o moço alourado, mais loquaz do que a principio, encommendou pela undecima vez a familiari zado:

— Mais tres, Manoel! Duplos, hein, — que tu és camarada!

O gigante, como uma massa que se move automaticamente, levantou-se, fez uma pergunta ao homem do botequim e penetrou, ao fundo, numa pequena porta de molas.

Lá esteve algum tempo. E, á proporção que o tempo corria, a conversação esmorecia em torno da mesinha alagada de cerveja.

Alguma coisa estranha havia determinado uma singular mudança nesses companheiros que se defrontavam. A mulher enlanguescia, ao passo que o rapaz tinha uma expressão mais ardente.

Approximavam-se com ternura, desprezando a presença do botequineiro, como se esses momentos lhes fossem raros e difficeis.

O terceiro companheiro demorava-se. E emquanto se demorava os outros o esqueciam e esqueciam tudo nas mostras de um sentimento que partilhavam com evidente risco.

Encostado ao seu balcão, obeso, baixote, lustroso de saude e calor, o homem da tasca tinha a attitude de quem, estando á vista, estivesse ausente...

Mas, a presença da figura colossal do outro subitamente se constatou, e ali estava surprehendendo o descuido dos inebriados, que de inebriados não o sentiram chegar.

Ambos o olharam attonitos. O homem, cuja attitude era a mesma de perfeita dominação muscular, estava côr de azinhavre.

Fez um gesto. Segurou o rapaz por um hombro, pôl-o em pé, olhando-o duramente nos olhos claros onde havia reflexos de allucinação.

— Sebastião! Exclamou a mulher angustiadamente.

O do botequim não tivera tempo de se approximar. A mão enorme que já empunhava o ferro de quebrar gelo cahia sobre a fronte do rapaz.

Só a mulher deu um grito. O outro, desemparado da mão robusta que o sustinha, abateu de borco sobre a mesa. Da cabeça aberta pela pancada formidavel começaram a descer cachões de sangue rubro que alagava tudo.

A mulher hirta, muda, aterrorizada, recuara até á parede. O botequineiro, surprehendido pela scena rapida, dera dois passos, muito vermelho, congestionado. Depois parou. Uma pallidez mortal tomou-lhe a face. Vacillou. Cahiu pesadamente.

O grande typo então olhou o scenario friamente. Segurou a mulher por um braço e puxou-a. Mas, como que cedendo á uma idéa subita, parou deante do corpo inanimado do rapaz. Com o pé, empurrou-o para o chão, onde elle rolou e se estendeu.

Depois apanhou um copo ainda cheio de cerveja, que o sangue tornara de um vermelho claro. Estendeu-o a mulher:

— Bebe!

Ella, pallida de morte, gemeu baixinho:

— Não, Sebastião... E sangue... Pelo amor de Deus...

— Porca! Bebe! Já disse!

Ella fez um gesto. Mas logo recuou:

— Não posso... Perdão... Não posso... Sebastião!

— Bebe! Tu me conheces!...

Tremendo toda, a mulher estendeu a mão para o copo. Tomou-o, levou-o á bocca lentamente, num estremecimento de febre que fazia oscilar o liquido e derramar-se-lhe pela mão muito branca. Fechou os olhos. Os dentes batendo na borda do vidro produziam um rufo crystalino, irregular, em pequenos accessos successivos. Bebeu. Mas, logo retirou o copo com uma grande repugnancia. O olhar humilde implorou a dispensa de supplicio. Não podia dizer mais nada. Dos cantos da bocca escorriam-lhe

dois fios de espuma vermelha, destacando-se da pelle horrivelmente descorada.

— Vamos! Tudo! Quero tudo!

A mulher não se sustinha mais. Escorregou pela parede em que se encostara. Agachou-se sobre as pernas dobrada, numa rodilha de roupas. A mão nervosa não largou o copo, mas entornou-se-lhe o conteudo, encharcando-lhe o vestido branco. Ella estava num deliquio de angustia, sempre a olhar o homem possante, tranquillo como um bloco de gelo, em pé deante della, olhando-a fixamente, dominadoramente. Depois, com o mesmo gesto lento, elle voltou-se, apanhou o outro copo e lh'o metteu entre os dedos tremulos.

— Vamos! Bebe tudo!

O rosto della contrahiu-se numa expressão de asco e de horror. Gemeu de novo, lacrimosa, humilde:

— Não posso... mais.

E um longo estremecimento sacudiu-lhe os membros. Com o rosto voltado para cima, a que as escleroticas muito brancas davam um aspecto de agoniado pavor, ella implorava, com aquelle copo rubro na mão, e de braço estendido para o afastar de si:

— Não... sim?... E' horrivel... Não posso... Tem piedade...

Um silencio de um minuto, em que de certo renascera no espirito conturbado da mulher a esperança de estar terminado aquelle supplicio.

Elle, porém, na calma terrivel, olhava, esperava. Ella, sem desviar o olhar do homem, ia depositar o copo no chão. Só então elle endureceu mais a physionomia. Curvou-se um pouco e disse:

— Tens de beber! E já, cachorra!

A mulher, completamente aterrorisada, desfigurada, sacudida toda pelo tremor de uma angustia immensa, a cabeça inquieta como numa subita paranoia, foi levantando aquelle repugnante San Grall sinistro que se derramava na trajectoria, sujando-a toda, até a bocca contrahida. E, como que a morrer, chegou o copo aos labios e começou a beber. Um... dois... tres... quatro goles... Um estremecimneto maior fez cahir o copo e o liquido estranho correr pelo soalho.

— Ai!...

A repugnancia enorme fazia-a mover-se arripiada, esfregando a manga repetidas vezes na bocca ensanguentada. Depois, abaixou a cabeça no collo, entre os braços torcidos — e assim ficou...

O typo, sem mais uma palavra, apanhou-a pelo pulso, levantou-a com facilidade, arrastou-a para a sahida. Com a outra mão fez subir a porta de aço, passou com a mulher, tornou a descer a porta.

* * *

Da "Lanterna" de 25 de Fevereiro:

"...................................

Comquanto não apparecessem testemunhas, a policia acredita que se trata de uma questão de mulher. Manoel Vasco, o botequinheiro da rua Visconde de Sapucahy, deve ter attrahido o seu rival ao estabelecimento, e, depois da porta fechada, matou-o de surpresa com uma pancada na cabeça. A raiva, ou o castigo divino, provocou a apoplexia que o matou quasi ao mesmo tempo em que assassinava sua victima, segundo constataram os medicos legistas. A casinha estava numa sangueira. E ao lado dos cadaveres encontraram-se o instrumento da morte — um ferro de quebrar gelo — e uma travessa de fantasia"

OS annuncios luminosos gritavam na sombra cumplice da noite. Cinelandia. Vinha arrastando esta minha pobre melancolia pelas ruas, e estava, sem pensar, no mundanismo curioso de uma porta de Cinema. Perto, encontrei um amigo que assim falou:

— "Sabes, vou vel-a, felizmente, mais uma vez. Experimentarei a extranha sensação de olhal-a de longe, mysteriosamente, com o meu maior desespero. Nunca mais a perdi de vista. Levei, outro dia, um susto! Disseram que ella não representaria mais. Acabara o contracto. Não no renovaria. Depois, vi que era boato. Acompanho-a como um musulmano, como um brahmane ao seu idolo. Primeiro, aqui no centro. Depois caminho para os suburbios onde ella deslumbra e seduz. Faço uma parada pelos bairros elegantes. O que não posso é deixar de vel-a.

— "O meu amor é assim exigente, moderno, syndicalisado. Platonico. Amo-a de longe, e da sombra. Tenho a certeza, porém, que não hei de vel-a em pessoa. Ella não manifesta o menor desejo de vir ao Brasil. Comtudo ama-se melhor assim, a distancia. Pelo menos, meu velho, a gente não tem decepções com os pequenos detalhes que matam certas amisades. Simples detalhes que Bataille verificou ser a causa de muitos desquites. Tenho, é claro, o meu ciume de Sternberg, que é o animador do seu genio!

— "Vem isso desde o "Anjo Azul". Recorda-se? Um film onde ella apparece com o proposito de degringolar a vida pura e recta de um velho professor. Como ella surge, — linda, em um pyjama tentador, nuns "ensembles" de **cabarets**, levissimos. Em "Marrocos" já se accentuava mais o delirio. Crescera. Transbordava. Não poderei esquecer, nunca, o detalhe em que ella repara no seu nome escripto a canivete pelo soldado que fazia o estagio no deserto. Nada mais lhe posso dizer sobre a sua alta espionagem da "Deshonrada". Como ella sabe tocar

VARIAÇÕES SOBRE O AMOR

FRANCISCO GALVÃO

piano! Formidavel. Beethoven, como lhe fica bem! E o desalinho de como apparece no "Expresso", como estive a ver ainda agora. Irresistivel, francamente irresistivel.

— "Obsessão? Loucura? Sei que V. gosta desses estudos de psychiatria. Mas observe bem: eu ainda tenho o mais perfeito juizo. O meu amor pela Marlene é bem outro, espiritual, guardo com o melhor carinho o seu retrato em casa. Tambem o tenho no escriptorio. E commigo: trago-o na carteira. Acompanho a estrella longinqua allucinadamente.

Até já consegui um pedaço de celluloide, de um de seus Films para melhor admiral-a. Levo a projectal-o num Pathé-Baby. E' o meu divertimento, quando o seu nome não está nos "affiches", V. sorri? Positivamente sei que V. toma o meu caso como simples paranoia. Os scientistas. Santo Deus! Analyse melhor o meu amor. Registe-o com mais observação. Nada do desvarismo de Werther, nem do sentimentalismo dramatico de Musset. Uma especie de mysticismo cinematographico, onde, de certo, deixo longe os extases de Thereza de Jesus e do "povverrello" de Assis. E faço cada uma! outro dia, quasi ia preso porque com uma Gillette rasguei todos os cartazes da delambida Greta. E o que é que se vae fazer: meu amor, como qualquer outro, é original porque não acabará jámais nas complicações da Pretoria nem nos escandalos da oitava pagina dos jornaes. Mas vou deixal-o. V. está na hora. Vou vel-a mais uma vez nesta noite da sua estréa.

E embarafustou-se por entre a multidão apressada que comparecia ao "guichet".

E eu fiquei a pensar, emquanto os garotos apregoavam os ultimos "clichés", na nova theoria do amor descoberta pelo rapaz apaixonado pela Dietrich, o amor que não leva a gente ao casamento nem traz ao commentario das folhas illustradas — o amor de longe, o amor cinematographico, ultima invenção do seculo de Piccard.

Uma que canta alegremente o "Ride, palhaço", emquanto as outras a acompanham.

Tres gentis aspirantes da Marinha carnavalesca em continencia á El-Rei Momo.

●●● O CORSO ●●● CARNAVALESCO

Numeroso grupo risonho homenageando a imprensa.

"Um sorriso para todos" têm ellas nos labios, emquanto elle olha desconfiado.

A Mandchuria enviou ao Brasil as mais lindas chinezas dali.

DINHEIRO ATIRADO

Outro montão de dinheiro posto fóra, justificando o adagio: "mais vale um gosto do que quatro vintens." — — — — — — — — — — — —

A longa fila de automoveis rolava, lentamente, sobre o asphalto macio da Avenida, ligada pelas frageis e multicores fitas das serpentinas. Dir-se-ia um vistoso comboio da Alegria, no qual sómente o primeiro carro, um bello Chrysler, tinha motor funccionando. Os outros vinham rebocados por elle num intermino cortejo ruidoso e feliz.

— "Ha uma forte corrente"... cantavam boccas risonhas e carminadas.

Não era verdade. As correntes que prendiam os automoveis uns aos outros eram fracas. Eram feitas de papel fragil, com um centimetro de largura e muitos metros de comprimento.

Nuvens de confetti azues, vermelhos, amarellos, verdes, roxos, alaranjados, violetas, com as sete cores do arco iris, espelhavam-se no ar levadas pelo vento e tombavam depois no asphalto das avenidas.

As longas fitas das serpentinas coloridas continuavam atiradas longe, como os loucos atiram fóra o dinheiro, lançadas por mãos ageis e nervosas, desenrolando-se no espaço, no qual deixavam o desenho caprichoso de uma parábola, antes de se reunirem ás outras que haviam tombado entre a capota de um carro e o radiador do outro que lhe ficava mais proximo, engrossando a "forte corrente" multicôr...

E os automoveis guardavam em deposito saccos de aniagem cheios de confetti e engradados de madeira contendo grosas de serpentinas.

Quando se exgottava esse stock, nababescamente atirado á rua, mercadores previdentes corriam atraz dos carros, trepando-lhes nos pára-lamas de onde offereciam á venda mais confetti e mais rôlos de serpentinas, immediatamente comprados sem se regatear preço nem conferir trôco.

Automoveis ligados pelas "fortes correntes"... de serpentinas.

Confiança absoluta.

Nos angulos das ruas se amontoavam pilhas de serpentinas; cómoros irisados de confetti.

Era quasi madrugada do 3° dia da "loucura carnavalesca", como dizem os velhos de muito juizo e pouca alegria. Os grandes prestitos já se haviam recolhido. O Coronel Meirelles, Superintendente Geral do Serviço da Limpeza Publica, quer a cidade inteiramente limpa de detritos... carnavalescos.

E ordenou ao seu exercito de varredores uma vassourada geral e rapida.

Movimentaram-se todos.

Emquanto um delles concertava a longa vassoura de gra-

Emquanto dois milhões de pessoas espalharam, durante o dia, papel em tiras e em rodelinhas pelas ruas da cidade, mil homens apanharam esse papel durante a madrugada. — — —

FÓRA POR PRAZER

vetos, que se desamarrara na faina de arrastar as pilhas de serpentinas e os cómoros de confetti, indaguei que tal lhe parecia o serviço.

— E' o mesmo de todos os annos. E agora até parece menos do que já o foi. Já houve tempo em que não se varria isso á vassoura: apanhava-se serpentina e confetti a forcado, como lá na minha terra se recolhe o trigo e o feno no campo.

Não precisei indagar onde era a terra delle. Seu sotaque lusitano o denunciava como originario da patria de Viriato e Dom Diniz.

Perguntei-lhe apenas o nome.

— Chamo-me José Manoel Pereira.

— Então o senhor é José Pereira?!...

— Sim, senhor. Já me conhecia?! Não me recordo...

— E' natural... Ha tantos annos que fomos apresentados... Naquelle tempo o senhor era um grande folião. Gostava do barulho, dos zabumbas ruidosos, das trombetas estridentes...

— Já lá se foi o tempo, concordou elle, lisonjeado, embora parecesse não se recordar bem do que lhe diziamos.

— O senhor naquelle tempo era alegre, não fazia mal a ninguem, como, aliás, não o faz tambem hoje, era adepto da pagodeira nessa época, e todos o acclamavam, — como hoje acclamam o Rei Momo, — cantando:

"Viva o Zé Pereira
Que a ninguem faz mal!
Viva a pagodeira
Nos dias do carnaval!..."

E o Sr. José M. Pereira, hoje funccionario municipal, "escreventegary" da limpeza publica, sorria, tristemente incredulo da sua passada popularidade. Meneando a cabeça philosophava:

— A verdade é que falam em crise; mas para o carnaval o "raio do dinheiro" sempre apparece para deitar-se fóra. Atiral-o á rua com "ambas as duas" mãos e sem olhar o resto.

O Brasil, desde o principio, que foi assim: a terra da fartura, graças a Deus. A vassoura estava já concertada e o Zé Pereira continuou a amontoar serpentinas e confetti que os auto-caminhões da limpeza Municipal iam carregando para os batelões que os levarão ao monturo final da Sapucaia.

Homens com grandes saccos de estopa, arrecadavam braçadas de serpentina com que atopetavam suas immensas saccolas. Eram os nossos trapeiros. Daquelle dinheiro jogado fóra iriam aproveitar tambem algum dinheiro, vendendo a peso o papel em tiras ás fabricas de papel.

Algum tempo depois aquelles montões de serpentinas e confetti estarão transformados em bobinas ou fardos de papel. Quem sabe se não serão novamente confetti ou serpentinas?... E daqui a um anno voltarão a ser a alegria do carnaval, o desespero dos "garys" e alguns nickeis a mais para os trapeiros.

A historia se repete e a vida continúa...

"Bahiana" montando guarda ao monte de serpentinas, emquanto o amigo "trapeiro" foi buscar o sacco para as levar.

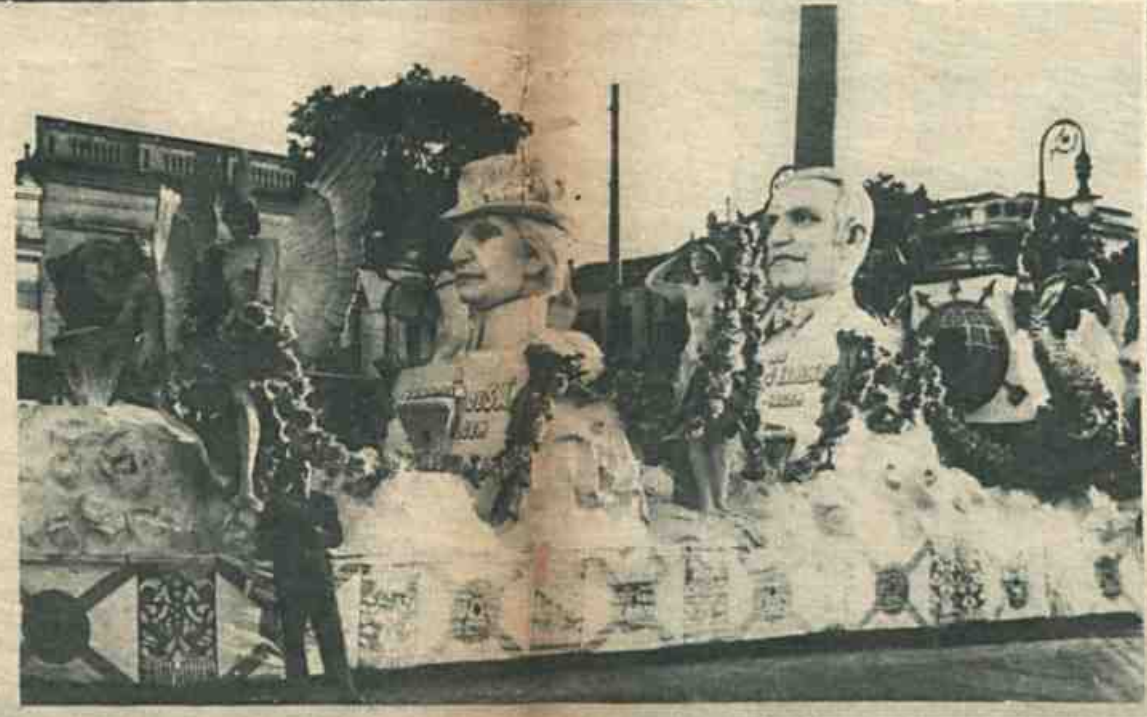
POR EUSTORGIO WANDERLEY

O "Zé Pereira", transformado em varredor das ruas, apaga, melancholicamente, com a sua vassoura, o que restou da alegria carnavalesca na madrugada de cinzas.

Um dos mais bellos carros do CONGRESSO DOS FENIANOS

Carro-chefe dos DEMOCRATICOS que alcançaram o 2.o logar no Carnaval deste anno

O carro-chefe dos FENIANOS que foram classificados em p[illegible] logar entre os concurrentes q[illegible] filaram pela Avenida Rio [illegible]

Outro detalhe do Carro-chefe dos TENENTES DO DIABO

Carro-chefe dos TENENTES DO DIABO, representando uma homenagem á Cidade do Rio de Janeiro

Um dos lindos carros dos PIERROTS DA CAVERNA que concorreram, com brilho, ao certamen official

O DIA DOS RANCHOS

Recreio das Flores, campeão dos ranchos deste anno.

União das Flores, vice-campeão dos ranchos do Carnaval deste anno.

Alliança Club, um dos ranchos que melhor se apresentaram na Avenida, no "Dia dos Ranchos".

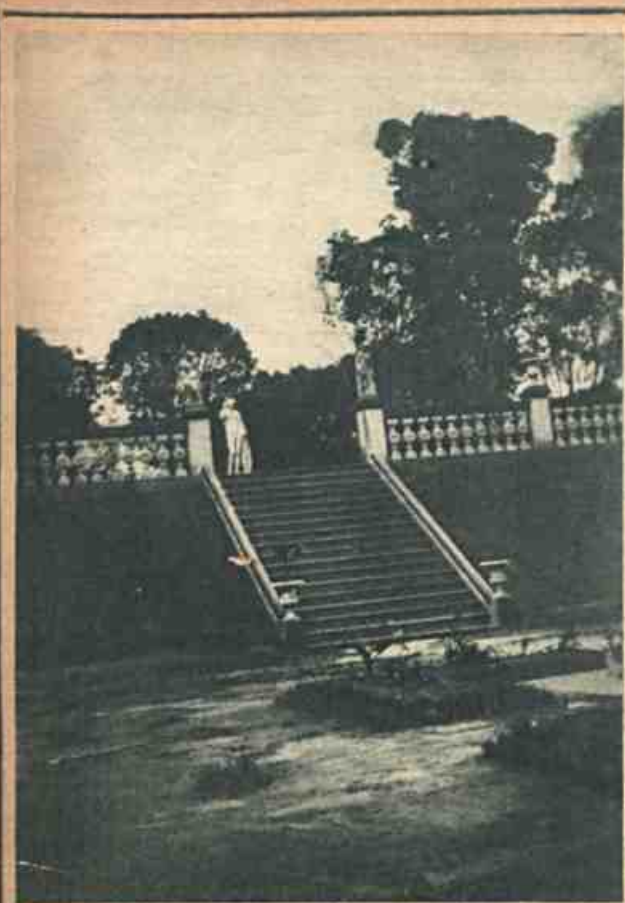
A multidão de creanças que dansaram no baile infantil dos Fenianos.

AS CRIANÇAS SE DIVERTEM

"Na Inglaterra se brincará assim?..." perguntavam as inglezinhas na *matinée* carnavalesca do Rio Cricket.

Ricas e graciosas fantasias no baile infantil do Club Central.

A nota mais alegre de Nictheroy foi a *matinée* infantil do Canto do Rio F. Club.

MARIANNO PROCOPIO, UM DOS LINDOS RECANTOS DE JUIZ DE FÓRA

Trecho do terraço do Museu Marianno Procopio (Fotos Mary Polo).

Rua Marianno Procopio.

Museu Marianno Procopio.

Monumento a Marianno Procopio.

Estrada de automoveis, junto ao Museu.

NHÔ JOÃO, entre o braseiro do fogo e os saracoteios infrenes dos selvagens negros do Congo, retintos e brilhantes, sacode as mãos descarnadas, alçadas pros céos, solta palavras de magico effeito, queima o cipó bento da macumba, torce o pellado pescoço da gallinha carijó arripiada que estrebucha agonisante apertada pelos seus dedos fortes, emquanto as mais gordas mulheres negras da fazenda, suarentas e flacidas, lançam-se, pesadamente, sobre os hombros magros dos homens mais novos.

E o ritual diabolico começa.

No meio, a fogueira queima as preciosas hervas arrancadas á meia noite das covas profundas do cemiterio. Ha, no ar, exhalações exquisitas de extranhos perfumes. Em volta da fogueira, num girar incessante, como demonios da noite, os homens dansam carregando as mulheres gordas.

Nhô João pula, grita, ronca e espoja-se na terra como um monstro. Nhô João é o grande sonhor dos espiritos da floresta, o curandeiro incomparavel, o promotor infallivel dos amores encommendados. Seus braços, mais nervosos e agitados que nunca, sobem e descem, como serpentes negras e enroscam-se, ás vezes, no seu thorax abahulado. Os homens se agitam, pulam, bamboleiam, gritam, como todas as féras da floresta visinha até morrer toda a chamma inquieta da fogueira; até que se perca no espaço o cheiro exquisito das hervas dos mortos.

Então, a um gesto do feiticeiro temido, faz-se sepulchral silencio e todos deixam os bustos vergarem até á terra pisada do terreiro.

Só o feiticeiro continúa em movimento, com os olhos em brasa e a bocca espumante, cheio de medonhas contorsões e esgares de féra acuada.

E' a hora do pedido.

O homem mantem-se em equilibrio sobre um só pé, na attitude do demonio que preside ao espantoso ritual e repete cem vezes, com voz roufenha, a oração final: —

"Saci-sererê,
diabo-pequeno,
capeta-mirim: —
em nome do céo,
da terra, do mar,
do inferno, da noite,
segura sô Chico,
nos braços do amor,
e leva-o depressa,
pra D. Guiomar".

FEITIÇARIA

de H. Diniz, filho

Depois de tudo consummado, os homens se arrastam com as mulheres, como reptis phantasticos, até ás suas casas e Nhô João, o feiticeiro temivel, fica só, cansado e pensativo, os olhos esbraseados, a testa pendida sobre o peito.

O sol illumina, aos poucos, os telhados primitivos das casas dos negros colonos.

A cavalleiro de toda a região cultivada, o casarão bem tratado de Nhô Ignacio mostra algumas janellas abertas.

Amanhece.

Os gallos cantam e as gallinhas conduzem os pintainhos para os monturos mais ricos de vermes.

Nhô João pensa com tristeza no amor escaldante de D. Guiomar, filha unica do seu amo, por aquelle caboclo destampado que a detesta pela sua falta de seios e pelo seu excesso de buço no rosto moreno. Terrivel a sua imposição!

— Nhô João, dissera ella na vespera, você que dirige o curso dos rios; que conhece o destino dos homens atravez da linguagem das estrellas; que sabe encontrar nas flores do prado mais que o seu delicado perfume ou á belleza das suas formas; você que semeia os ventos da tempestade e que brinca com o coração dos homens, você tem que lançar Nhô Chico aos meus pés, terno e amoroso. Dentro de tres dias".

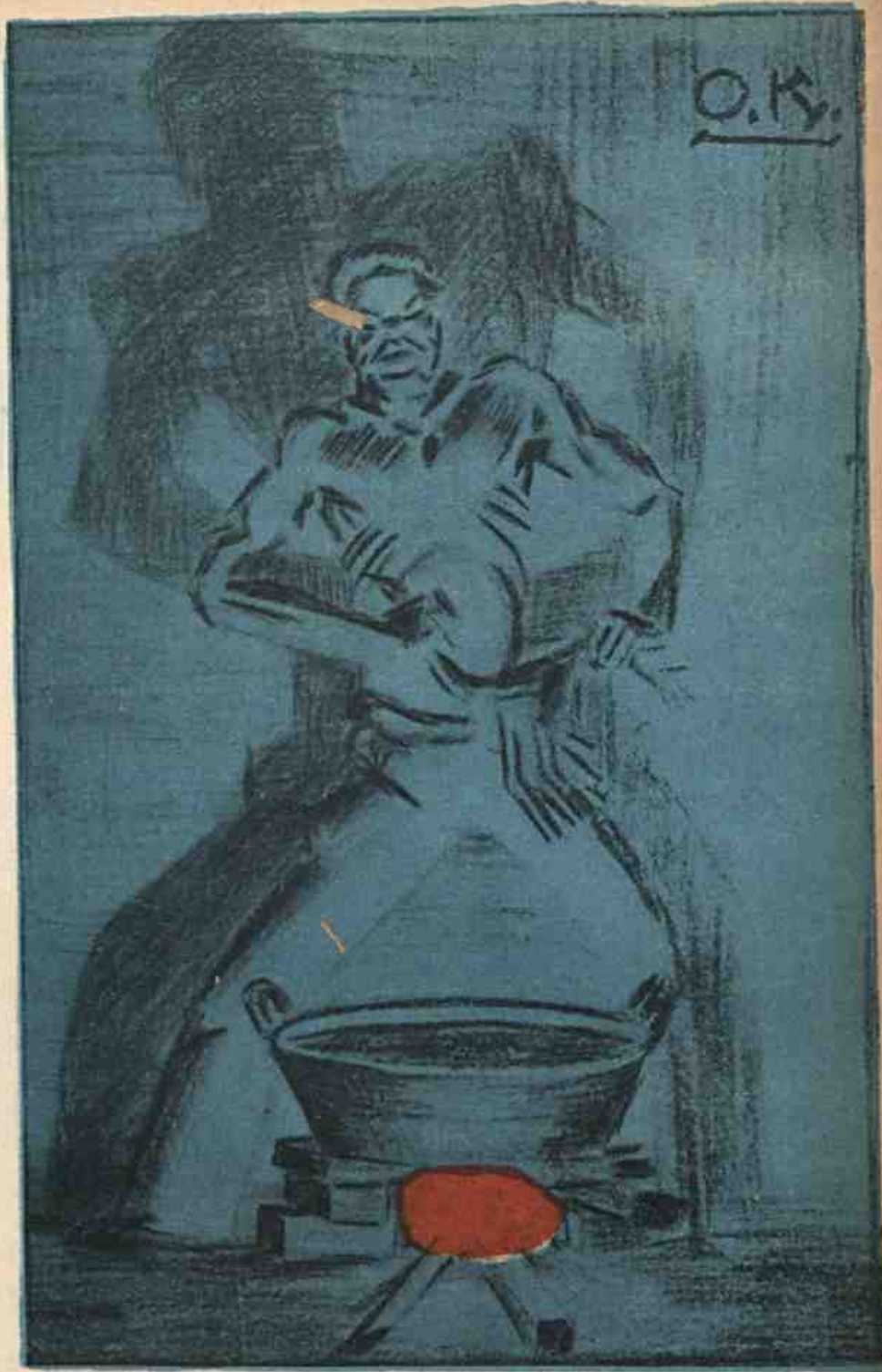
E Nhô João alí estava, convencido de que todo o seu sortilegio era innocuo.

Saci-sererê era impotente para vencer a rupugnancia que afastava Nhô Chico de D. Guiomar.

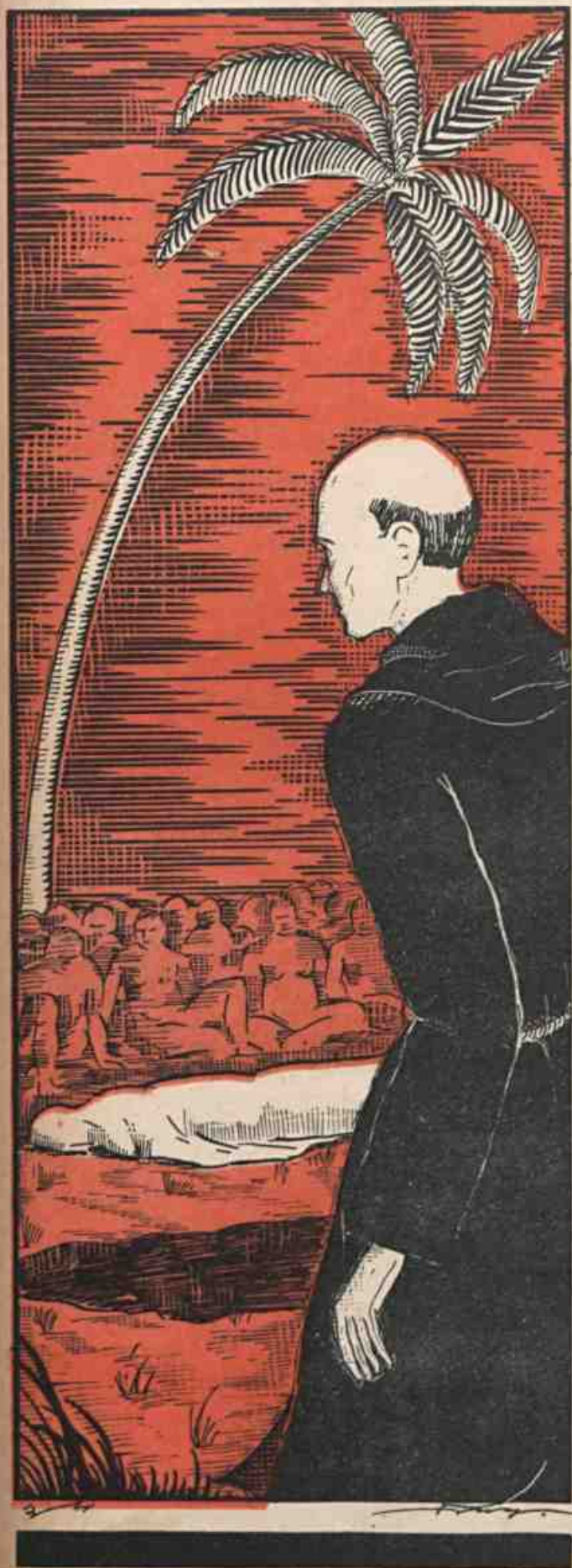
Mas o feiticeiro se sahiria bem da incumbencia. Elle promettera. Elle se arriscara a garantir o successo absoluto do seu "trabaio".

Saci-sererê não poderia seduzir o caboclo desassombrado, porém aquellas pedrinhas brilhantes e puras como o orvalho da noite, aquellas pedrinhas de valor incalculavel que só elle saberia encontrar aos montes, no pequenino corrego da terra, essas conseguiriam tocar na ambição desmedida de Nhô Chico. O feiticeiro venceria mais uma vez. Elle conhecia os segredos mais negros da macumba e os seios diamantinos mais ricos do riacho. Só elle conhecia bem essas cousas preciosas. Só elle conhecia bem, no meio da ignorancia circumdante, o coração dos homens que o rodeavam.

O caboclo procuraria, amorosamente, a repugnante fazendeira.

O feiticeiro continuaria senhor da terra, do espirito das trevas e do coração dos homens simples da colonia.

O ENTERRADO VIVO

(EPISODIO DE 1553)

POR CARLOS MAUL

"NESTA terra ha um grande peccado que é o terem os homens quasi todos suas negras por mancebas e outras livres que pedem aos negros por mulheres, segundo o costume da terra que é terem muitas mulheres."

Assim começa o padre Manoel da Nobrega uma carta de 1549 — 9 de Agosto — ao padre mestre Simão que estava em Lisboa. Os negros a que elle se refere não eram os africanos, mas os indigenas. E esse "costume da terra" era a polygamia reinante em numerosas tribus, que não tinham maiores escrupulos quanto á conservação da pureza da raça, tanto que offereciam as filhas aos forasteiros.

Esse habito escandalisou o jesuita. Durante a sua estada no Brasil andou o padre Nobrega sempre ás voltas com as questões amorosas dos seus jurisdiccionados. O demonio andava solto pelas nossas brenhas, espalhando a devassidão que os aborigenes ingenuos e primitivos desconheciam.

Ha nesse sentido um episodio de 1553, occorrido em S. Vicente, e em que apparece o nome de João Ramalho, "homem rico e perdido" segundo o padre Antonio Franco.

Navegou nessa occasião o governador Thomé de Sousa rumo ao sul, para uma inspecção ás capitanias. Com elle viajou Manoel da Nobrega para visitar os religiosos espalhados pela costa. Na altura de S. Vicente uma tempestade desarvorou a frota, e a náu em que estava o jesuita foi ao fundo.

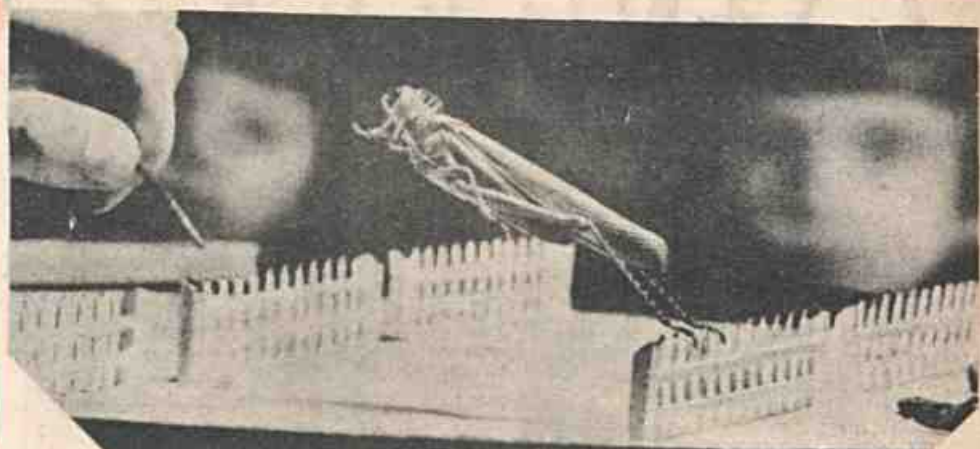
Nobrega foi salvo por indios que affrontaram as ondas e o trouxeram para o Continente. Uma vez em terra firme quiz elle informar-se da situação da Companhia n'aquelles sitios, das suas actividades, dos fructos colhidos e dos desastres que a salteavam.

Na casa da Companhia habitavam alguns mestiços, n'uma especie de noviciado que os habilitaria, caso manifestassem vocação, para o serviço da catechese, e em caso contrario seriam empregados como interpretes. Cpmo não fossem ainda irmãos, podiam sahir livremente e aproveitavam essas sahidas para as noitadas de amor em logares suspeitos. João Ramalho espalhou que essas sortidas patuscas eram dos jesuitas, e ao padre Nobrega queixaram-se os moradores do logar de taes vergonhas.

O assumpto foi entregue ao Vigario Geral que ordenou uma devassa. Resultou do inquerito a innocencia dos religiosos e a prova da licenciosidade de um dos hospedes da Companhia, candidato á sotaina. Nobrega chamou-o á sua presença e lhe disse:

— "Um tal peccado só se póde satisfazer sendo enterrado vivo. Confessae-vos, commungae, e tende santa paciencia que amanhã a taes horas vos hei de mandar abrir a sepultura; ha-se-vos de cantar o officio de finados, dizer missa dos defuntos e heis de ser enterrado vivo." O mestiço deu-se por informado, cumpriu a imposição e preparou-se para a tragedia. Os sinos dobraram, rezou-se a missa dos mortos, de corpo presente com o vivo amortalhado, no meio do espanto geral. Abriu-se em seguida a sepultura, nella deitou-se a victima com alguns punhados de terra por cima.

O sacrificio, entretanto, era simulado, e do segredo só tinha conhecimento um padre que rogou chorando a suspensão da pena. Nobrega depois de resistir cedeu, mas declarou que d'alli para o futuro nenhum mestiço teria ingresso na Companhia, nem mesmo para os mesteres subalternos.

O paciente director do Circo, entregue á delicada tarefa de alimentar um dos artistas. A maioria destes não sobrevive a uma temporada "theatral".

Com agil desenvoltura, um gafanhoto salta sobre as barreiras, emquanto os outros competidores aguardam a vez de realizar a arriscada proeza.

UM CIRCO DE INSECTOS

Neste elegante salto de obstaculo, o corcel é um gafanhoto e o habil cavalleiro um escaravelho.

A grande revista em que desfilam as figuras principaes da Companhia, por uma folgada pista de pouco mais de um palmo.

Os tradicionaes papeis de palhaço e de Tony estão a cargo de um escaravelho e de um grillo.

O momento culminante de um match de box, admiravel pelas attitudes humanas dos adversarios. Estes são dois LUCANUS SERVUS, coleopteros de cornos apparentemente formidaveis.

Um numero sensacional: a bailarina, uma linda borboleta, dansa na corda bamba, com etherea graça, mas de maneira particularissima: dependurada pelas trombas.

A Rainha Santa Isabel e O Milagre das Rosas

REINAVA em Portugal El-Rei D. Diniz, cognominado *O Lavrador*, 7º monarcha da dynastia Affonsina, que nascera em Lisboa em 9 de Outubro de 1261, assumindo as redeas do governo em 16 de Fevereiro de 1279 — dia em que falleceu seu pae, El-Rei Affonso III.

Este soberano possuia tão excelsas virtudes que o tornaram famoso em todo o mundo christão e até entre os sarracenos.

Eleito juiz arbitro com o rei de Aragão, vizinho de Portugal, para sentenciar a causa de El-Rei Fernando de Castella e D. Affonso de Lacerda sobre a coroa de Castella e de Leão, proferiu a sua douta sentença a contento dos litigantes, e compoz diversas desavenças existentes entre os reis de Castella e de Aragão.

Todos estes factos de alta diplomacia e humanidade lhe valeram excepcional prestigio de que resultou uma alliança mais intima, offensiva e defensiva, entre Portugal e Aragão, sellada com o consorcio da Princesa D. Isabel de Aragão, dama de peregrina formosura e de nobilissimas virtudes christãs, tendo sido a sua mão solicitada por principes de França, Inglaterra, Napoles e Grecia.

Foram simplesmente deslumbrantes os esponsaes, realizados em Lisboa com a assistencia das côrtes de Portugal e de Aragão, e a que se associou o povo portuguez, que ali affluiu, para ver a nobre filha de D. Pedro III e da rainha D. Constança de Aragão, nascida em 1271, mais moça dez annos do que seu nobre esposo. A' passagem do cortejo nupcial, o povo ajoelhava de respeito e veneração pela virtuosa princesa, considerada um thesouro para os portuguezes.

Como as guerras successivas contra os mouros e os castelhanos tinham produzido muita pobreza nas classes menos favorecidas, já pelos impostos, já pelo desamparo dos que tombavam na luta, a rainha D. Isabel, condoida, sahia discreta e mysteriosamente a soccorrer os pobres, desvalidos e enfermos, levando-lhes, com as suas doces palavras de conforto, sufficientes recursos em dinheiro, que retirava dos cofres reaes.

De uma vez que El-Rei D. Diniz, que tambem era poeta, sahira muito cedo dos seus aposentos a admirar as bellezas do dealbar do dia, compondo um primoroso poema exaltando a magnificencia do Creador, foi surprehendido pelo apparecimento de sua Esposa, que em modesto traje e de avental que levava seguro ás mãos se dirigia para uma pequena porta do jardim que dava sahida para a rua.

Sua Magestade dirigiu-se á Rainha e perguntou-lhe por que segurava com tanto cuidado o avental.

D. Isabel serenamente, erguendo os olhos para o Céo, respondeu, abrindo o avental, onde levava dinheiro em prata e ouro:

— "São rosas, meu Senhor! que levava aos pobres e enfermos".

E de facto os milhares de escudos que levava no avental se transformaram em variadas rosas de encantador aroma.

D. Diniz cahiu de joelhos aos pés da Esposa — pois bem comprehendera o milagre operado, porque as rosas não poderiam mitigar a fome dos desherdados da sorte e já notara o desapparecimento de avultadas sommas dos cofres reaes.

Santa Isabel exercia a caridade clandestinamente e sem se dar a conhecer, por verdadeira intuição christã e receosa de não ter o apoio do seu bondoso Marido.

Desde então El-Rei deu todo o auxilio á caridade da Rainha Santa, e acompanhava-a muitas vezes nas suas obras de piedade, auxiliando por todas as formas os desempregados e especialmente os velhos.

. . .

Achando-se Ella em Santarem nos paços reaes da antiga cidade mourisca, que domina o Tejo, a grande altura, e está a 75 kilometros de Lisbôa, sahiu com a côrte para visitar o tumulo da Virgem Santa Iria.

Era pelo dia 20 de Outubro de 1295 e nesse dia se festejava a Santa da devoção dos Catholicos e especialmente dos Santarenos.

Sobre a localização do tumulo de Santa Iria havia duvidas. Dirigiu-se para a margem do Tejo, onde mais se affirmava ter sido construido. As aguas do Tejo tinham sahido do leito e provocado grandes inundações.

Sua Magestade ergueu os olhos para o Céo, como que a pedir luz e protecção, estendeu o braço e as aguas se afastaram, deixando a descoberto o tumulo de Santa Iria, onde ajoelhou com toda a côrte, a que se juntou o povo, assombrado com esse milagre da Rainha Santa.

Estes milagres e todas as virtudes e bençãos que Deus attrahiu para Portugal a consagraram, e o povo passou a chamar-lhe Rainha Santa.

Quando seu filho D. Affonso se revoltou contra o pae e lhe quiz tirar o throno, para poder perseguir seu irmão bastardo Affonso Sanches, foi ainda Santa Isabel a medianeira para a paz entre pae e filho.

Era tanta a sua santidade que acarinhava os filhos naturaes do Esposo e tinha palavras de doçura para as mães.

Foi ainda neste reinado que se instituiu a Ordem Militar de Christo, que se desenvolveu a agricultura e se semeou o grande pinhal de Leiria. Dizia D. Diniz que os lavradores eram o *nervo da nação*.

Foi o fundador do maravilhoso Convento de Odivellas, nos arredores de Lisboa. Deixou muitas obras em prosa e verso e instituiu em 1290 a primeira *Universidade*, transferida para Coimbra em 1308.

El-Rei D. Diniz falleceu em 7 de Janeiro de 1325 — sobrevivendo-lhe a Rainha Santa, que recebeu a luz celeste em 4 de Julho de 1336, na edade de 65 annos.

Tendo-se recolhido ao Convento de Santa Clara, em Coimbra, esta Santa Rainha, a unica do *milagre das rosas*, ali foi sepultada.

Em 26 de Março de 1612 foi-lhe solemnemente aberta a sepultura, na presença da nobreza, do clero, dos mais notaveis chronistas e do representante do Papa — sendo encontrado o *corpo intacto*, como se estivesse apenas dormindo nos dias do seu ditoso reinado.

Formou-se nesse mesmo anno o processo de canonização pelos Eminentissimos Bispos D. Affonso de Castello Branco, de Coimbra, e D. Martim Affonso Mexia, de Leiria.

Em 25 de Maio de 1625, S. S. o Papa Urbano VIII canonizava a virtuosa e Santa Rainha D. Isabel de Aragão e Portugal, esposa do sabio e grande monarcha lusitano, que tanto fez pelo progresso do paiz e do povo, abençoados por esta eleita de Deus, que assombrou a humanidade pelos seus milagres e coração sensibilissimo.

Na cidade universitaria de Coimbra todos os annos se realizam sumptuosas festas em preito de saudade e gratidão á Rainha Santa, mãe dos portuguezes e especialmente dos desprotegidos da sorte, dos desprezados e expoliados, dos que sabem o que é a fome e a miseria.

E o povo, reconhecido, ainda hoje chora a ausencia, da Terra, desse excelso Anjo Tutelar.

JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

O BAILE DO HOTEL GLORIA

Um recanto do Hotel Gloria, durante o baile de sabbado de Carnaval. A photographia dá uma impressão de commodidade e amplitude de espaço. Entretanto, na sala havia mais de 4.000 pessoas que se comprimiam sem se poderem mexer, e se empurravam, suppondo que estavam dansando...

Companhia Constructora e Administradora "Rosario"

A Companhia Constructora e Administradora "Rosario" elegeu recentemente os seus novos directores, recahindo a escolha nos seguintes nomes: presidente, coronel Isaac Manoel da Camara, industrial, capitalista e commerciante, chefe da firma Isaac Camara & Cia.; vice-presidente, Dr. Silvino Luiz de Oliveira, advogado; director gerente, Dr. Paulo Pestana de Aguiar, ex-tabellião substituto do 10º officio. Para o conselho fiscal foram eleitos os Srs.: Eugenio Leunroth, do "Estado de São Paulo" e director da Agencia "Ecletica"; Dr. Francisco Sá Lessa, lente da Escola Polytechnica e ex-inspector da Illuminação Publica do Rio e Alberto Rosenvald, director da Fox-Film do Brasil S. A.; supplentes, os Srs.: Hans Krussmann, capitalista e proprietario; Gastão J. Chaves Faria, proprietario e Dr. Adalberto Gomes de Carvalho, engenheiro e proprietario.

A secção technica ficou sob a chefia do Dr. Jorge de Menezes Werneck, engenheiro civil e ex-chefe dos serviços de Forças Hydraulicas dos Estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Bahia, tendo como auxiliar o Dr. Eurico Tavora da Silva, ex-chefe do escriptorio technico da Anglo-Mexican. O contencioso da Companhia ficou constituido pelos Drs. Francisco Couto Netto, Marianno Augusto de Medeiros e Victor Pontes, conhecidos e conceituados advogados nos auditorios desta capital.

Para festejar a eleição do coronel Isaac da Camara para o cargo de presidente da Companhia "Rosario", os seus companheiros de directoria, accionistas e amigos offereceram-lhe um lauto almoço na Confeitaria Paschoal, o que constituiu um grande acontecimento, já pela vibração e já pelo tom carinhoso que o revestiu. Ao Champagne falou o Dr. Sylvio Leite, saudando o homenageado e bem assim o seu companheiro de directoria Dr. Paulo Pestana de Aguiar e demais collaboradores da importante empresa. Seguiu-se com a palavra o nosso companheiro Dr. Cunha Porto que apreciou a acção do coronel Isaac da Camara, fazendo-se ouvir tambem o Dr. Victor Pontes e por ultimo o homenageado que agradeceu aquella prova de estima de seus amigos. Dentre o grande numero de pessoas que compareceram ao almoço e além dos demais directores e accionistas da Companhia "Rosario", achavam-se presentes representantes das mais altas instituições nacionaes, como sejam: Dr. Reynaldo Barreto Pinto, do Ministerio do Trabalho; Sr. Octavio Combacau, gerente do Banco de Credito Mercantil; Dr. Mario Toledo da Fonseca, director do Instituto Lafayette; tabellião José Pinheiro Chagas; Dr. Oswaldo Serpa, professor do Collegio Pedro II; Dr. Sylvio Leite, director do Externato e Internato Sylvio Leite; Dr. Roberto Maia, engenheiro chefe do Theatro Municipal e Dr. Cunha Porto, advogado, jornalista e redactor d'O MALHO.

Um aspecto da mesa do almoço offerecido ao coronel Isaac da Camara

CAMBUQUIRA A a

Parque e jardim central. Ao fundo o Hotel Empresa.

Ladeira do bosque.

Jardim municipal

Um trecho do Parque

FOI João do Rio quem, num de seus livros, melhor retratou os incommodos duma estação de cura. O individuo, se vae doente do figado, volta doente dos nervos. Raras possuem, como esta privilegiada Cambuquira, a vantagem de ser, ao mesmo tempo, uma estação de aguas e uma estação de repouso.

Possuindo todo o conforto necessario aos veranistas mais exigentes, bons hoteis, magnifico parque, excellentes passeios, Cambuquira possue uma coisa que lhe dá seducção especial: a simplicidade.

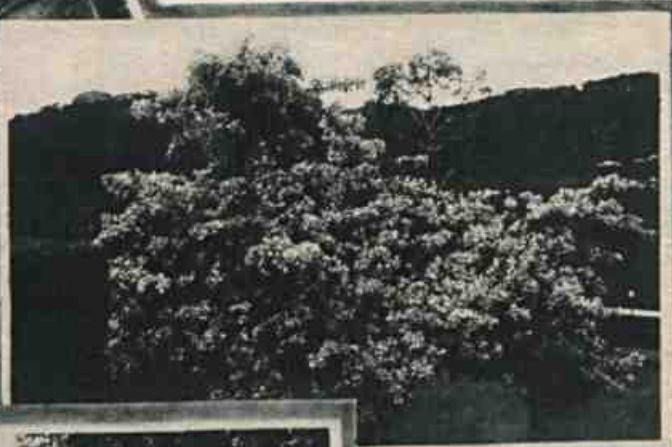
Todos os que chegam á procura do seu clima, das suas aguas, identificam-se logo com a vida simples, quasi bucolica da estação.

Cambuquira não reclama luxo e ostentação para ser, na realidade, uma estação amavel e recreativa.

Não é commum ver-se nas reuniões dos hoteis e casinos brilhantões e collares desarrumados dos estojos para servir as exigencias da deusa vaidade. Em compensação, as mulheres têm para nos deslumbrar uma joia mais captivante: as cores da saude e da belleza. Não chamam a attenção pelos ornamentos artificiaes, mas pelas prendas reaes que conquistam nos passeios ao ar livre, nas mattas proximas, nas fontes do magnifico parque plantado no coração da matta.

* * *

Cinco são as fontes em que se abeberam todos os annos os enamorados frequentadores de Cambuquira. "Fonte Roxo de Rodrigues", antigamente conhecida sob a denominação de "Bica de prata"; "Fonte Maria", antiga "Regina Werneck", "Fonte Commendador Augusto Ferreira"; "Fonte Dr. Fernandes Pinheiro"; "Fonte Dr. Souza Lima". Ocioso seria fazer aqui o louvor dessas lymphas preciosas, que tantos milagres e alegrias já tem provocado.

Bastaria ler os excellentes opusculos de Tomi Brandão e Manoel Brandão a respeito para se verificar o poder que possuem as aguas e o clima de Cambuquira, e evidenciar o "quanto foi prodiga a Natureza na dotação das virtudes naturaes a esse torrão maravilhoso da terra mineira, installando a poucos passos do littoral brasileiro esse sanatorio ideal, onde ao lado dos factores de reparação organica, que são as fontes mineraes, dispoz o clima vivificante e tonificador por excellencia, e a prodigiosa efficiencia de uma atmosphera saluberrima, a conduzir os raios luminosos, do mais elevado potencial therapeutico, do sol da montanha".

* * *

Manda a justiça reconhecer que não

Um aspecto da cidade

Perola das Estações D'AGUA

tem sido a Natureza a unica fada a cumular de encantos e de graças este delicioso recanto. A mão do homem, a dedicação e a boa vontade do poder municipal tudo vae fazendo, na medida de suas possibilidades, para que Cambuquira possa cada vez mais merecer a designação de perola das estações d'agua.

Servida por excellentes estradas de rodagem, possuindo hoteis de primeira ordem, com esplendidos apartamentos e installações modernas, Cambuquira é, realmente, um brinco em plena montanha.

Para mais recommendal-a ao apreço dos veranistas, da fina sociedade que se desloca das capitaes para gosar um pouco as vantagens do seu clima e das suas aguas, possue Cambuquira agora uma commissão permanente de propaganda e iniciativa, afim de facilitar aos veranistas passeios, diversões, corridas, proporcionando-lhes uma vida agradavel e divertida. Dessa fórma, sem perder a simplicidade dos seus habitos, Cambuquira vestiu-se de alegria e bom humor, tornando-se o ponto ideal para um veraneio.

Situada a 950 metros, possuindo um clima invejavel, um parque hydro-mineral completo, Cambuquira recommenda-se á preferencia dos aquaticos por ser uma estancia dotada de todas as condições necessarias para uma excellente villegiatura. Seu panorama é sempre uma festa para os sentidos.

Interior da Fonte Ferrea

Nascente d'agua potavel.

Constitue por isso mesmo um espectaculo sempre agradavel aos olhos a vista dos seus parques e jardins.

Trapezios, barras, piscinas, pavilhões, scenarios sylvestres, chacaras de frutas e e de rosas completam o encanto da paizagem de Cambuquira, — uma perola engastada na montanha a serviço da saude, da belleza e do repouso.

O MAIOR DOS GORILLAS ENTRE OS MENORES HOMENS

LA' para os confins do Sudão, ha uma floresta immensa, que enfeixa uma cadeia de montes, cujos perfis negros se reflectem em lagos extensos.

Essa matta, onde poucos humanos têm penetrado, prolonga-se, a oeste, marginando rios impetuosos. Ella, ao que dizem os exploradores, entre os quaes o Sr. A. Gatti, de quem nos servimos, apparece tal uma muralha inaccessivel, que a sciencia mais esclarecida e a audacia mais intemerata não têm podido sobrepujar.

Em seu seio, intricado de cipós e de lianas, que formam dedalos intransponiveis, reina, soberano, o mais horrendo dos monstros, o maior inimigo da raça humana.

E' *Ngagi*, o gorilla gigantesco. Tem dois metros de altura e pesa 480 libras. Ataca os homens com um furor indescriptivel, não temendo represalias, pois é conscio de sua superioridade physica.

Sómente os Mambutis ousaram affrontar esse colosso da *jungle*. Entretanto os Mambutis não são valentes... Será que mettem medo a *Ngagi*, com sua apparencia de gnomos, de espectros lilliputianos dos bosques? Os Mambutis constituem uma tribu de pygmeus estranhos.

Seus ritos sagrados, seus habitos, a concepção que têm do mundo nol-os revelam simples de pensamento como as creaturas das épocas primitivas.

Consideram-se os habitantes mais ditosos, mais independentes da Terra, não se preoccupando absolutamente das cousas que tanto fazem pensar a nós civilizados.

Vivem em choças rudes, vestem-se com pelles de animaes e comem o *miondo*, o mesmo petisco que aprecia *Ngagi*, que entre elles é chamado *Kitumbo*.

Os Mambutis são destros no manejo do arco, que elles fabricam com galhos de pau ferro.

As mulheres mambutis são inferiores em tamanho aos homens de sua raça e casam-se em troca de algum dinheiro ou mercadoria.

O Sr. Gatti conta que *Ngagi* é senhor de uma força prodigiosa e de uma espantosa agilidade.

Em poucos segundos, dá cabo de um homem por mais valente e resistente que seja, e em alguns minutos percorre vastas extensões de terra.

Quando o Sr. Gatti o vislumbrou, *Ngagi* passeava na selva com toda a familia, isto é, suas tres *mulheres* e seus dois filhos. *Kitumbo* significa, em dialetico mambuti, *forte entre os mais fortes*.

SENHORA

SENHORITA...

Quaresma

Estação de repouso. Das recordações de Fevereiro, lembranças do carnaval... Conversas calmas. Ás vezes o olhar longinquo, um sorriso esboçado de leve, uma atitude de sossêgo...

Passou a folia.

O "cocktail" e os gelados que mãe e filha oferecem aos intimos é o pretexto para exibirem os pijamas recebidos. Apressam-se em vesti-los antes da ida á estancia de aguas que as refará do calôr do Rio.

A parisiense, dizem, pouco a pouco está abolindo o pijama para receber visitas. Mas a americana ainda gosta do traje que se tornou, pelo corte dos mestres, essencialmente feminino. O pijama simples, como o que os homens usam, quasi não aparece nos figurinos de modas femininas.

Elegantes, "fans" das mais graciosas artistas de cinema, "senhora", e "senhorita", mãe e filha, novas ambas, parecendo irmãs, ofereceram gelados e "cocktails" ao grupo com que se divertiram no carnaval, pelo prazer de recordar tanta maluquice que se foi, e pela faceirice dos pijamas saldados a cambio negro.

SORCIÈRE

Pijama de setim verde brilhante, gola de veludo de seda preto. As calças justas nos quadris abrem-se em bôca de sino, bem larga, na fimbria.

Elegante pijama de setim "merveille" vermelho, uma tira de setim "laquê" preto como entremeio na blusa.

DE TUDO UM POUCO

RECORDAÇÃO
(REMY DE GOURMONT)

— Em cada particula do meu sêr ha um pouco de ti; e por inteiro estás em mim... Para arrancar-te seria necessario aniquilar-me.

— E me deixo levar pela idéa, que se prolonga em sonho, que sem ti não poderia viver.

— Alma, espirito, sensibilidade, ternura, inteligencia, encanto, perfeição fisica, obra prima — como não adorar-te dominadora querida do meu pensamento?

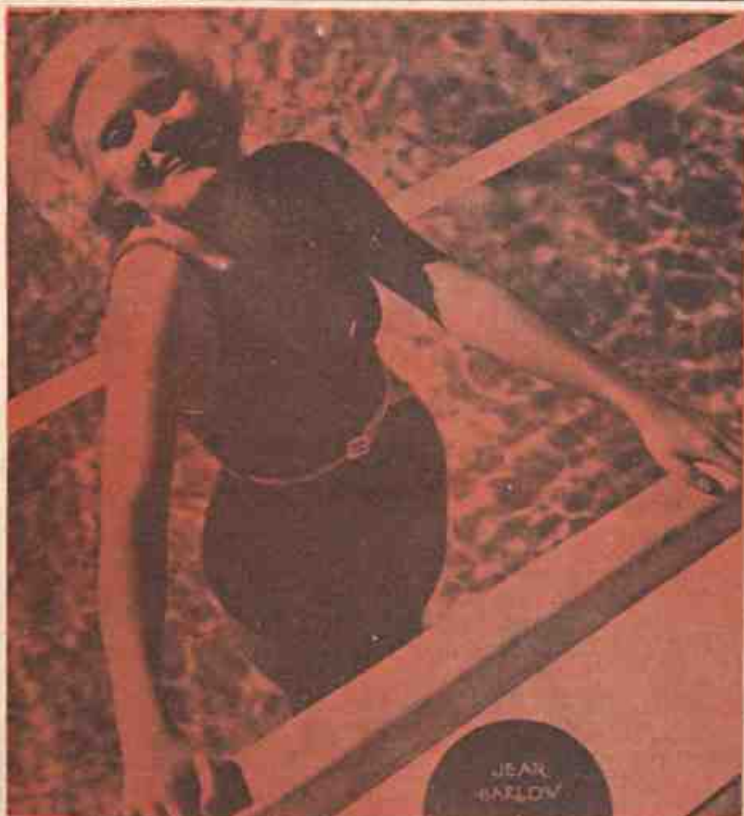
FRASES ALHEIAS

— Só sentimos a perda dos amigos quando não podem solucionar as nossas necessidades ou sentimos falta da opinião que de nós formavam.

\+ + +

— Sempre duvidei que os comicos fossem casados, os sacristães ouvissem missa e os ciganos se filiassem ao cristianismo. — S. *Francisco de Sales.*

Vestidos de passeio.

MEDIDAS DO CORPO FEMININO — Terá a leitora um corpo perfeito? A estatura mais comum é a de 1m, 60. Ai um corpo proximo da perfeição tem de contar: 85 cent. de busto, 68 de cintura, 83 a 85 de quadris. — A leitora estará no caso? Seu corpo, então, se não é explendido, é, pelo menos, otimo...

NOTA CINEMATICA

Os "astros" que pisam a terra de Hollywood ganham somas fabulosas. Seus honorarios chegam até a preocupar o governo americano e dão que falar aos dos diferentes paizes do mundo.

No entanto, se êles acumulam dinheiro tambem despendem a valer.

Recente estatistica demonstrou que, por exemplo, em materia de produtos de beleza estranjeiros as artistas da tela gastam fortunas: Pola Negri, Mary Astor, Constance Bennett, Anita Page, Jetta Goudal, Janet Gaynor, Corinne Griffith e outras.

Entre os homens ha verdadeiros adeptos do tratamento para prolongar o mais possivel o aspeto de mocidade: Adolph Menjou, John Barrymore, Douglas Fairbanks, Maurice Chevalier, Al Jonson...

Joias sempre atrairam e atraem as mulheres. Nas "estrelas" o gosto varia: Mary Pickford só aprecia joias antigas; Norma Talmadge já se inclina pelas artisticas; Lupe Velez é doidinha pelas joias... carissimas, de real valor.

As casas de "lingerie" da Europa e da Norte America se veem tontas com as creações de roupas de seda para as moças do cinema. Quando aparecem novidades correm a adquiri-las: Elissa Landi, Jean Harlow, Sylvia Sidney e Joan Crawford. Joan gosta da roupa bem lisa, sem uma ruga, que lhe assente como luva no corpo esbelto. Norma Shearer só usa "lingerie" lilás rosado.

QUE IRRISÃO!

Noss'alma desiludida,
dentro de um corpo alquebrado,
chega ao término da vida
e vê — olhando o passado:

Toda amisade — fingida,
todo mal — recompensado,
toda injustiça — aplaudida
e todo amor — enganado...

E velhos ha (mas que injuria!)
acossados pela furia
de continuos vendavaes

que suplicam de mãos postas
a Deus que lhes ponha ás costas
a angustia de uns anos mais!...

Camisa de "malandro" de Dolores Del Rio.

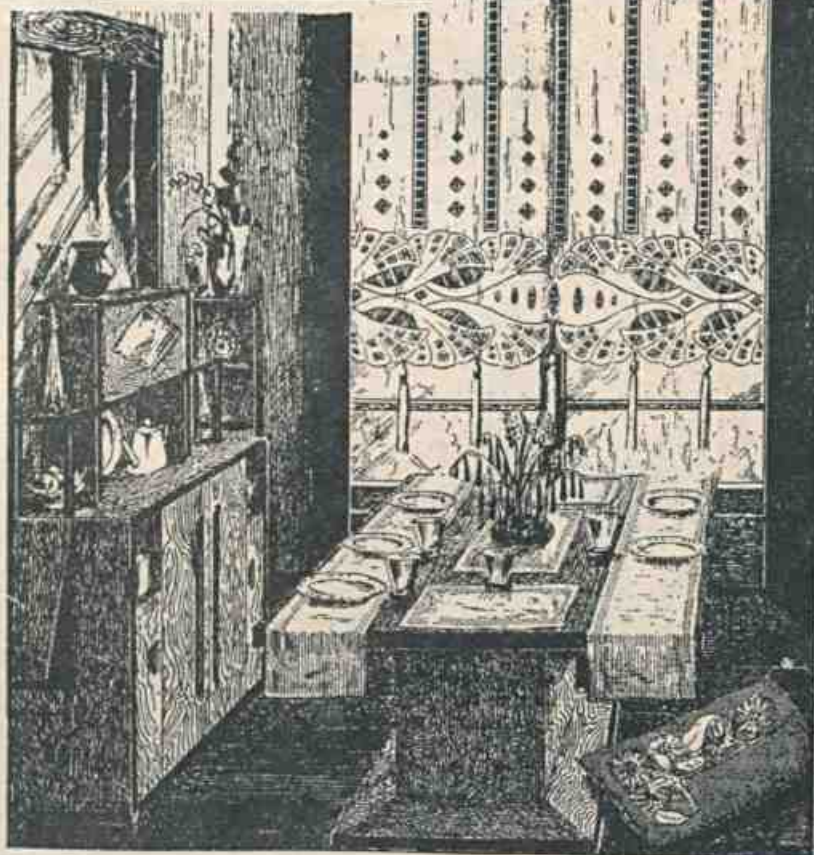
PORVIR

Em certas almas o porvir é semelhante ao presente. Para mim, andar contigo até o futuro pareceria ascenção a uma felicidade cada vez maior. Sempre que te conheço mais intimamente mais motivos tenho para a nossa união. O presente não me basta. O presente passa e o porvir permanece.

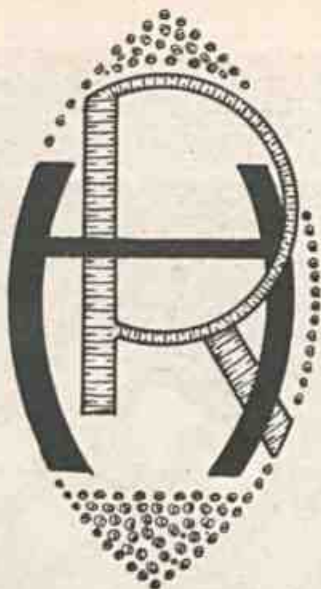
Cortinas de chitão.

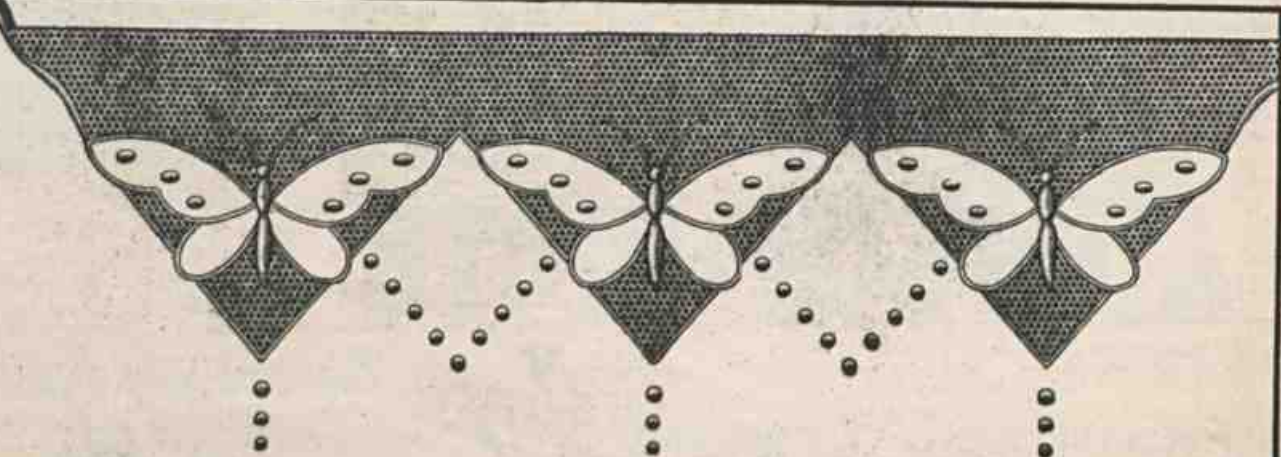
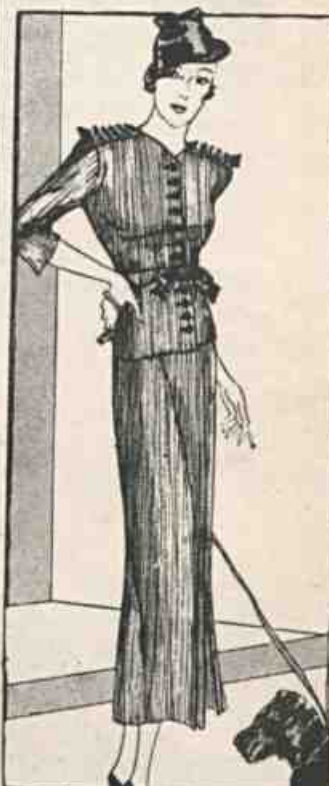
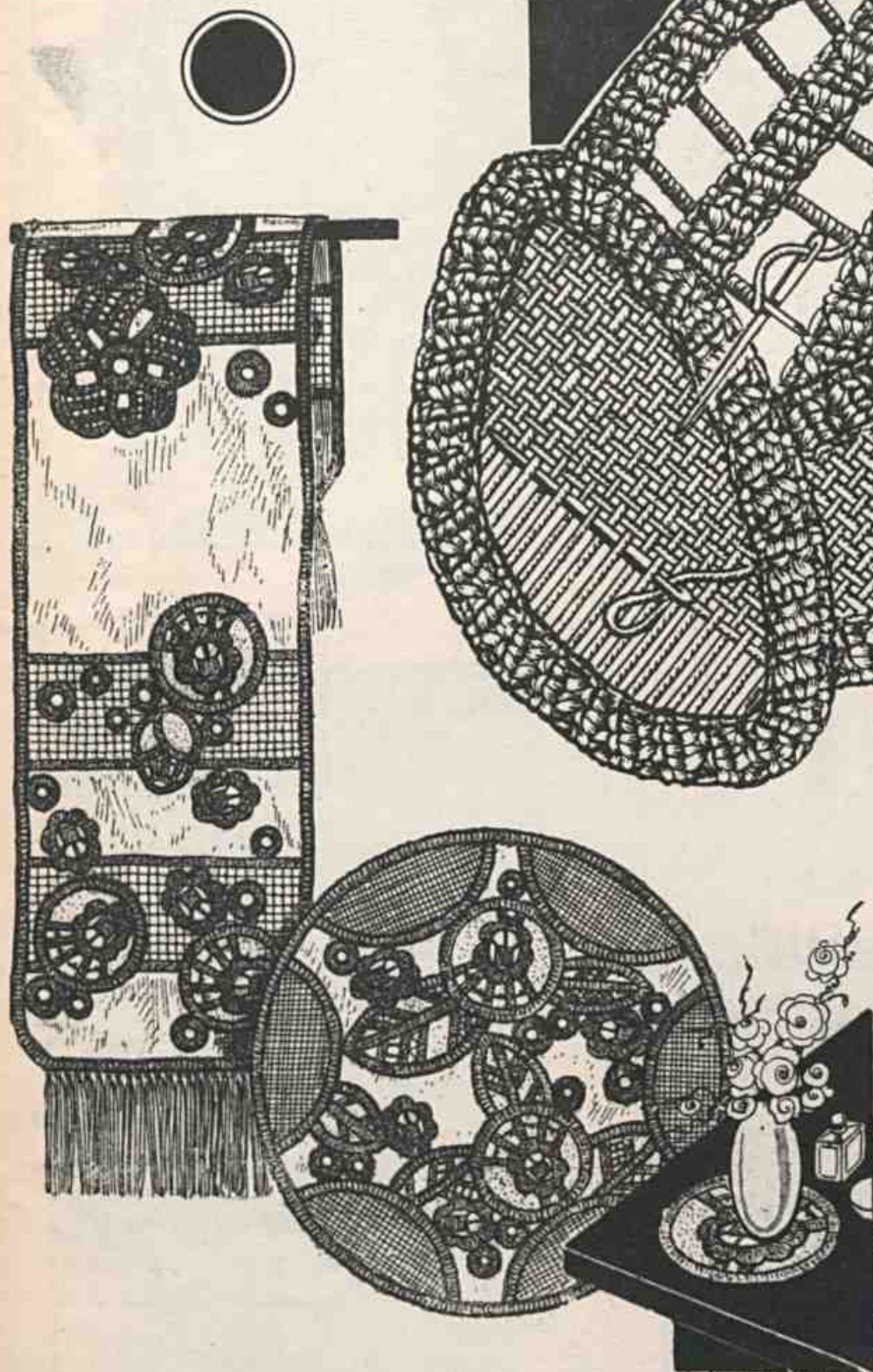
Um canto de aposento destinado a fumantes... de ambos os sexos. Moveis simples, pintados ou envernizados de preto ou de "acajou", almofadas de setim liso e de lã bordada a côres — como o tapete, — um bonito quadro de tapeçaria na parede, cortinas de tecido fino a pequena mesa retangular para o cinzeiro e os cigarros, um "abat-jour" de papel celuloide sobre a lampada azul.

DECORAÇÃO DA CASA

Sala de jantar moderna. Descrevê-la... Será preciso? O "cliché" é nitido, até deixa que se possa copiar o desenho do belo "store" bordado a branco. Os guardanapos de mesa da sala rustica são aqui mudados para caminhos de mesa.

"Déshabillé" de setim preto, gola e punhos de seda branco.

Combinação de setim rosa velho, uma renda estreita rematando a beira da saia.

Gracioso costume de seda marinho, guarnições de fôfos de fita de "faille" marinho mesmo ou azul hortensia, botões marinho.

LINGERIE

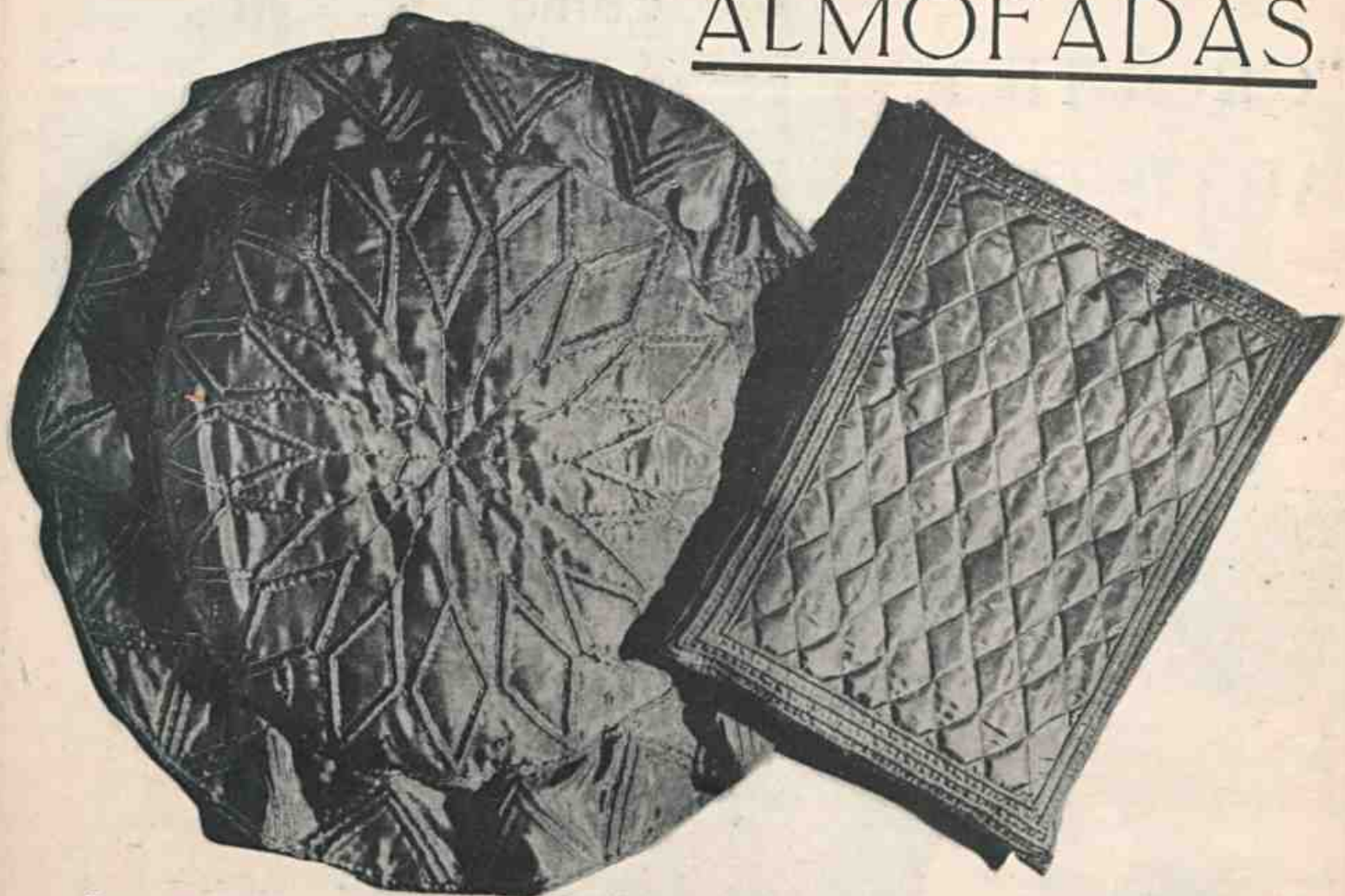
Aplicação do tecido em filó, rebordado com "festonné" fino e bolas cheias, é destinado á "lingerie" do corpo: camisolas de dormir, calças e combinação.

"CROCHET" ARTISTICO

Aqui está, num caminho de mesa e num oval de almofada.

No primeiro trabalho êle se aplica em filé fino e étamine. As flores e folhas ornadas de tule sob o qual se cortará o étamine.

As aplicações de "crochet" são compostas de um galão simples, em "crochet", como em separado se póde bem apreciar, reunido, depois de cortado para formação do desenho, por barrettes" da mesma linha mercerisada.

O centro dos motivos de baixo póde ser trabalhado num traçado que a gravura explica, todo na linha do galão, sendo necessario coser este em papel téla.

O "trançado" substituido por tule ou filé fino em nada prejudicará a beleza das aplicações.

O fôrro da almofada deve ser sempre de setim brilhante: verde periquito, amarélo canario, rosa salmon ou azul do céu.

ALMOFADAS

Duas almofadas. A retangular, com 0m.40 x 0m.50, é desenhada sobre "taffetás" de seda côr de palha, forrada com tres pedaços de flanela aveludada, superpostos. Todo o posponto é de seda da mesma côr, e, á volta, emoldurando-a, cordões tambem costurados sob o tecido.

A de formato redondo, medindo 0m.75 de diametro, é desenhada sobre espêsso crepe da China rosa, forrada como a descrita antes, pospontada com fios de prata.

Almofada com 0m.58 — 0m.66, bordada a lã no ponto de haste em grosso filé cujas malhas medem 1 cm. A lã nas seguintes côres: "marron", "beige" vermelho têlha e verde, disposta em listras até formação dos motivos por sua vez aplicados em téla de linho grosso, natural, ou crepe de seda e lã. A photographia ao lado, mostra a execução do trabalho.

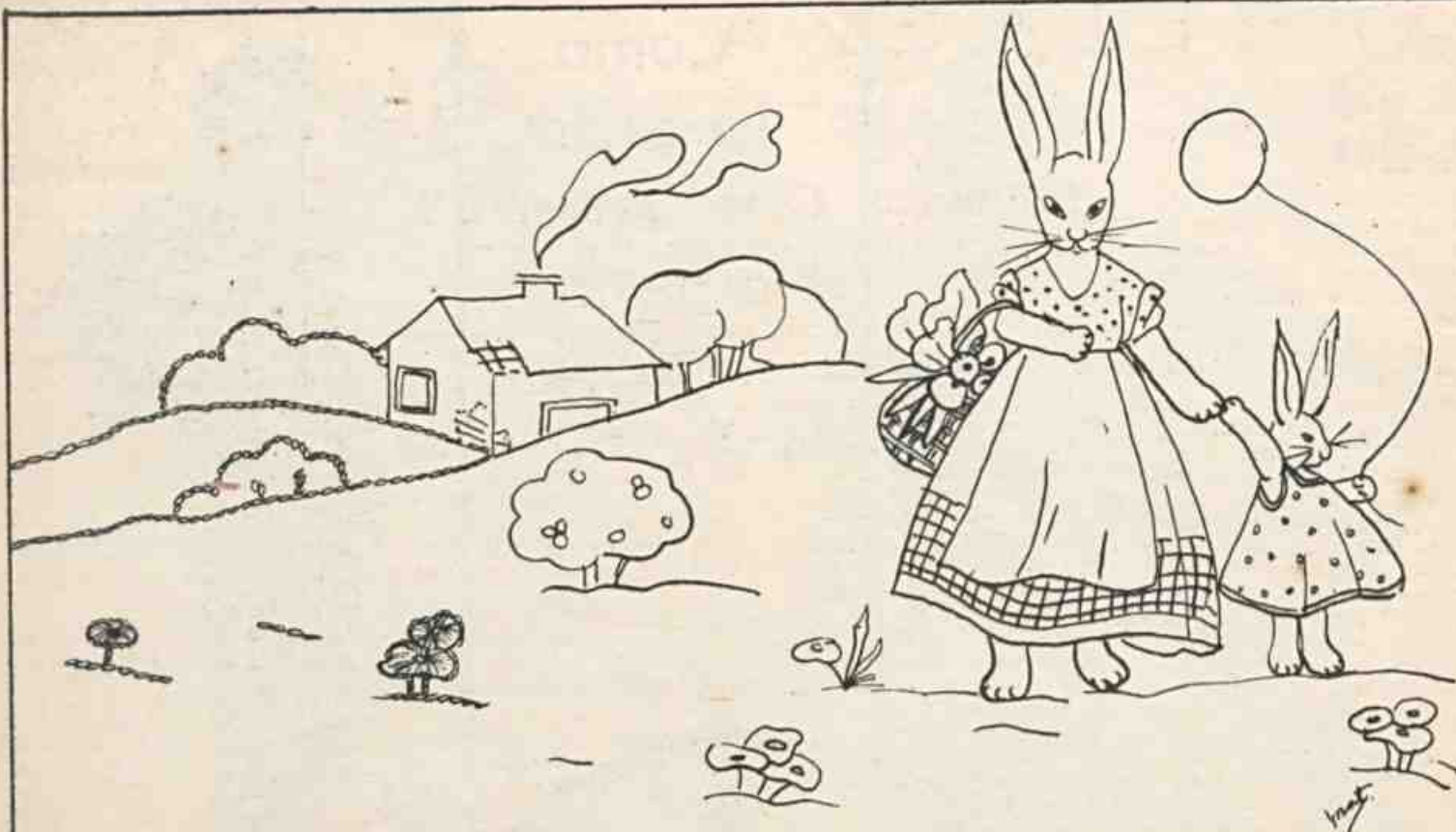
Como vestem as "estrellas" de Hollywood

Um "déshabillé" de Florence Desmond, da Fox.

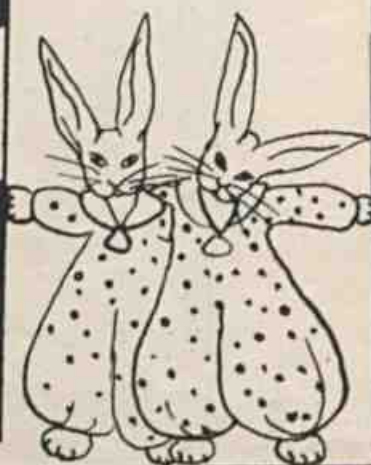
"Marron" e branco, em "quadrillé", é o vestido de rua de Rochelle Hudson, da Fox.

Frances Dee, da Paramount, num gracioso traje de verão e numa attitude mais graciosa ainda.

Una Merkel, da Metro, em — "The Red Headed Woman" exibe um vestido de velludo amarélo laranja.

"Quadrillé" marinho e branco, lenço azul pastel, saia marinho — um vestido despretencioso que Dorothy Tree apresenta numa das ultimas producções da Columbia.

Uma paisagem campestre, dois ratinhos lá em cima, dois mais cá em baixo.

Tudo isso bordado a linha de côres, numa combinação graciosa, em peças de roupa de gente meúda.

A idéa é tambem aproveitavel em panos de prateleira ou toalha de almoço.

BELLEZA E MEDICINA

A tatuagem não é mais do que a gravação de figuras sobre o corpo. Diversos são os processos empregados para esse fim, e os desenhos são os mais variados possiveis.

A tatuagem é vista mais frequentemente nos homens, sobretudo em soldados, marinheiros e operarios. Hoje, nas grandes capitaes européas é moda a tatuagem em senhoras de alta sociedade; não consiste porém, em desenhos representando corações, settas de cupido, etc., e sim constitue uma tatuagem de belleza, que não é mais do que uma pintura definitiva dos labios ou faces.

Tempos atrás, a tatuagem era uma verdadeira epidemia e havia familias em que todos eram obrigados a ter nos braços figuras, letras, emfim, os signaes mais exquisitos.

Tatuagem. Como destruil-a?

DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

Conheço um caso bem interessante por mim tratado em Junho de 1930: uma senhora, casada em segundas nupcias, quando do primeiro noivado, deixou-se tatuar no braço com o nome e retrato do futuro marido, gerente de um estabelecimento commercial, numa cidade de Minas Geraes. Tempos depois, ficou viuva e contrahiu novo matrimonio, dessa vez com um banqueiro, por signal inimigo pessoal do seu primeiro esposo. Todos os dias lembrava-se o segundo marido do desafecto, por vêr, no braço da esposa, o nome e retrato do ex-gerente da casa commercial, com quem havia tido sérias contorversias.

Procurou, na cidade em que habitava, por todos os meios possiveis, fazer desapparecer a tatuagem da esposa sem conseguir, entretanto, realizar seu desejo, pois o desenho não havia probabilidade alguma de sahir.

Examinei demoradamente o caso e resolvi fazer uma intervenção diathermocirurgica obtendo os melhores resultados, ou seja a destruição completa da tatuagem. Em poucos dias, tudo estava terminado e a pelle do braço completamente lisa. A cicatriz resultante ficou perfeita e, mezes após a applicação, quasi que não se notava mais.

Em geral, todas as pessoas que se tatuam, dias ou mezes após, vêm lastimar o que fizeram e, então, empregam tudo para apagar os desenhos. Antigamente, usava-se um caustico para destruir a tatuagem, mas, hoje, com a cirurgia e a diathermo-coagulação, muito facil é o desapparecimento rapido e completo de qualquer tatuagem, por maior ou mais antiga que seja.

BELLEZA E MEDICINA
Nome ....
Rua ....
Cidade ....
Estado ....

NEM TODOS SABEM QUE...

O primeiro, ou um dos primeiros, serviço de informações meteorologicas para o Commercio e a Agricultura foi fundado em 1872 nos Estados Unidos. Os informes eram propagados diariamente por intermedio das 7.000 agencias telegraphicas existentes no paiz de Roosevelt, áquella época, as quaes recebiam de Washington as informações necessarias. As agencias dependiam do Ministerio da Guerra e contavam com um numero enorme de peritos em Meteorologia.

O Governo hespanhol encommendou a um esculptor o projecto para um monumento a Rodrigo De Jerez, que se considera o primeiro homem que fumou. Rodrigo acompanhou Colombo em suas viagens á America, onde pôde observar, em Guanahami, os processos de fumar adoptados pelos indios. Os selvicolas tinham o fumar na conta de uma homenagem ao Sol e ao Ser Supremo.

O primeiro elevador posto a funccionar no mundo foi o *ascensor mecanico*, do Sr. Edoux. Elle permaneceu em exhibição ao publico durante a Exposição Universal de Paris (1855).

As subidas e descidas effectuavam-se sem solavancos, e o movimento era "tão doce que nem se o notava". A força motriz que executava o trabalho era a pressão do reservatorio d'agua, installado nas alturas do Trocadéro.

1.º TORNEIO COMMUM DE 1934

N.º 38 22 FEVEREIRO

PREMIOS: — 1 para cada um dos vencedores do 1.º, 2.º, 2/3 e 1/2 dos pontos (feitos os desempates quando precisos), para o autor do melhor trabalho escolhido por votação entre os concurrentes classificados segundo o criterio regional. Esse ponto será uma obra literaria com inclusão do seu nome no nosso Quadro de Merito. O premio do 1º logar é um Diccionario do Charadista, de A. M. Souza.

QUADRO DE HONRA

Campeão Brasileiro de 1933 — MR. TRINQUESSE

1.º TORNEIO COMMUM DE 1934

A "*jazida*" do meu [sonho; — 2
Guardo a minha [desventura
Nesse *docel* de [verdura,
Nesse tumulo tristonho...

Vivi (Grupo dos XX, Piracicaba)

Livros adoptados nos *torneios communs*: Cand. Fig. (edição pequena); Simões da Fonseca (idem); Fonseca & Roquette (os dois volumes); Chompré (Fabula); Bandeira (Synonymos); A. M. Souza (Manual do Charadista, os 2 volumes); Jayme de Seguier; Vocabulario Monosyllabico, de Caminha. Para os desenhados; Rifoneiro Portuguez (de Pedro Chaves); Adagios Portuguezes (de Antonio Delicado) e o Diccionario de Moraes até a 7.ª edição.

NOVISSIMAS 141 a 146

1—2—De *modo* que a *vida de vadio* é cheia de *trabalho*.

Zé do Sul (Ouro Fino, Minas)

1—2—*Dado que* o "*homem*" seja bom, pode usar "*chapeu alto*".

Tiburcio Pina (São Salvador, Bahia)

2—1—Merece *galardão*, diga-me, o homem *infiel*?

Velhusco (São Salvador, Bahia)

2—2—Artigo desta *natureza*, "*seu*" "*Rocha*", eu não vendo "*findo*".

V. Neno (Grupo dos XX, Piracicaba)

2—2—Eu *regalei* a *lagrima* que cahia *ligeira* pelo rosto.

Vivi (Grupo dos XX, Piracicaba)

1—2—E' sempre com um *gemido* que ella fala em "*Christo*", o *querido*.

Ananias (Gente Nova, de Corumbá)

CASAES 147 a 150

3—Sou *admirador* da *fanatica*.

Candinho (Bananal, São Paulo)

3—A *casa* está pintada de *côr de amora*.

Canhoto (Gente Nova, de Corumbá)

2—Este *malandro* gosta de *ajuntamento*.

Athenas (Belém, Pará)

2—Que *agradavel padrão*!

Bibliophilo (Santa Barbara, Minas)

SYNCOPADAS 151 a 154

3—2—Com o "*carneiro*" *assignalo* o logar.

Loor (G. T. A.—Theophilo Ottoni, Minas)

3—2—Com um "*enfado*" matei o "*animal*".

Athenas (Belém, Pará)

3.º TORNEIO COMMUM DE 1933 — N.º 21

DECIFRADORES

TOTALISTAS

Vasco Dias (Lisboa, Portugal), Velhusco, Tiburcio Pina, Clirio, Helianthо, Agama, Lolina, R. Said, Dama Verde (todos 8 de São Salvador, Bahia), 22 cada um.

OUTROS DECIFRADORES

Etiel (T. E. — Lisboa), Alvasco e K. Nivete (ambos de Recife); Mawercas (Capital), 21 cada; Euristo (T. E. — Lisboa), Lidaci (Capital), Ananias, Americo, Canhoto, Castrinho, Scylla (da Gente Nova de Corumbá), 20 cada; Gandhi (Campos, E. do Rio), Passaro Negro (Barbacena, Minas), 19 cada; Candinho (Bananal, São Paulo), Dr. Kean (São Paulo), 18 cada; Capuchinho, Capichoto e Capichola (todos 3 do Gremio Capichaba, E. Santo), Pizarro (Lorena, São Paulo), 17 cada; Jolivor (Natal, R. Grande do Norte), 16; Ricardo Mirtes (Recife), 13; Miguelzinho (Jequié, Bahia), 11; Bibliophilo (Santa Barbara, Minas), 8; De Souza (Capital), 6; Tercio-Filho (Recife), 4.

DECIFRAÇÕES

176 — Halo; 177 — Dormente; 178 — *Nulla*; 179 — Gomarra; 180 — Choupana; 181 — Palhacarga; 182 — Renegado; 183 — *Nullo*; 184 — Chumbeiro, Chumbeira; 185 — Aurea, Aureo; 186 — Proprio, propria; 187 — Pasta, pasto; 188 — Empepinado, empenado; 189 — Mangiar, manar; 190 — Loquete, lote; 191 — Mesura, mera; 192 — Contrito (conto, tri); 193 — Caresa (casa, re); 194 — Pontada; 195 — Baldeira; 196 — *Nullo*; 197 — Fiota; 198 — Os Escalvados; 199 — Parelhamente; 200 — O diabo tenta o homem e ocioso o diabo.

NOTA — Muito trabalhámos para encaixar *Feio* na urdidura do enigma 192, e por fim o esforço tornou-se inutil, e tivemos de *arrear a trouxa*, como vulgarmente se diz; por isso o autor de *Feio* está na obrigação de nos tirar da entaladéla. Assim aconteceu com a *Vareira* para 195, pois, embora, quem a remetteu nos tivesse apontado o Bandeira, lá não encontramos *vareira* como *vagabunda*; *Maximo* para 185, no Bandeira, como nos mandaram dizer, não se verifica significando *admiravel*.

Um outro confrade mandou *Valido*, *valioso* para 186, e *Divino*, *divino* para 185, mas como não citou os diccionarios, em que são verificados, no que andou em contradicção com o regulamento, cortámos os pontos referidos e ficámos á espera que nos manda dizer onde poderemos encontral-os com o rigor exigido. Annullámos *Sire* para 178, *Solido* para 183 e *Bambochata* para 196, porque sahiram com erros e não houve corrigenda posterior.

Entre os decifradores dos ns. 19, 20 e 21 não figuram *Strelitz* e *Lyrio do Valle*, porque ao tempo em que foram feitas as apurações as respectivas listas não haviam dado entrada ainda em nossa Redacção, e essas apurações foram organizadas em Dezembro ultimo, antes da nossa partida. Quando regressarmos, se aqui encontrarmos as listas acima e se estiverem ellas dentro do prazo, que verificaremos pelo carimbo postal de origem, serão então contados os respectivos pontos.

3—2—Tenho um amigo *galante* em *excesso*.

Peropadia (Aracajú, Sergipe)

3—2—Uma *zanga* por tão pouco, é ser *tolo*!

Clirio (São Salvador, Bahia)

ENIGMA 155

No coração da mulher
Um certo amor faz mister,
Entre graças e carinho;
— Isso ante-hontem me dizia,
Co'uma dose de ironia,
Um "*romeno*" bastardinho.

Vivi (G. dos XX — Piracicaba)

CHARADAS 156 a 158

Seja *esphera*, ou uma bola, — 2 —
Sempre *chega* sem razão, — 1 —
Ou sendo pêta ou mentira,
Ou vaidade ou *presumpção*.

Tiburcio Pina (São Salvador, Bahia)

Eu *tapei* com todo geito, — 2 —
Com todo amor e respeito,

A moda em nada lhe *assenta*, — 2
No meu modo de pensar,
"*Se*" perto está dos sessenta, — 1 —
Deixa o luxo, vá *resar*.

Cobrindo a pelle rugosa,
Finge amor no coração,
Pega um parvo, e, cautelosa,
Impinge-lhe uma *extorsão*.

Clirio (São Salvador, Bahia)

LOGOGRYPHO 159

Linda mulher encontrei
Nesta *cidade franceza*. — 6,5,4,7.
Numa *villa portugueza* — 4,7,5,8.
Outra "*mulher*" divisei, — 3,2,4,5,8.
De *uma tribu de Israel*, — 1,8,6
Muito mais formosa que Ada
E nunca pude, no emtanto,
Esquecer a graça, o encanto,
Dessa minha *namorada*.

Syndulpho Camara (Fortaleza, Ceará)

PRAZOS

Terminarão: a 14, 19, 25, 27 e 29 de Março proximo, e a 3 de Abril seguinte respectivamente, para cada um dos grupos regionaes já estabelecidos no regulamento, valendo para todos o carimbo postal do ultimo dia do prazo.

MARECHAL

PITTORESCO 160

V. Neno (Grupo dos XX, Piracicaba)

POEMA EM SONETO

O Sr. Pedroso Rodrigues lançou no mercado o seu novo livro — Poemas em Sonetos — editado pelo proprio autor em elegante volume.

E' uma centena de paginas de sonetos ricos de sinceridade e sentimento. No final, o autor avisa que não é escravo da arte poetica, preferindo ser sincero ás suas emoções, resalvando, deste modo, os frequentes descuidos de metrica.

Monteiro Filho
Annuario das Senhoras